

INTRODUÇÃO

A “máscara” e o que está “nela”, por dentro “dela”, e, sobretudo, para além “dela”... é o objecto deste meu trabalho.

O início do meu estudo começou a 16 de Dezembro de 2003. Andei por algumas cidades, vilas e aldeias onde a máscara é significativa na vida das populações fazendo parte do seu património cultural e dos seus ritos ancestrais. Parti do Porto para Bragança onde ia ter início a 1ª bienal da máscara intitulada “Mascararte”, de 17 de Dezembro a 17 de Janeiro de 2004 teve lugar, em vários pontos de Bragança, um ciclo de conferências, exposições, lançamento de livros, cortejos e “Queima do Mascareto”, tudo em homenagem às máscaras de Portugal. Durante a bienal tive o prazer de conhecer o Dr. Luís Canotilho responsável, entre outros, pela organização deste invento e autor da exposição de pintura “o Sonho dos Mascaretos”. Com ele conversei sobre o conceito de máscara, falamos sobre os lugares, as gentes e os costumes por onde ele tinha passado.

No ciclo de conferências que eu mais ansiava era a de Filipe Crawford, intitulada “A Máscara e o Teatro” por este se tratar de um homem ligado ao teatro, tal como eu e porque podia ser de grande importância para o estudo que iria realizar.

Depois de ter assistido à 1ª bienal da máscara e de me ter documentado com toda a informação possível para o meu estudo propriamente dito, parti para a vila eleita como objecto de estudo, vila de Lazarim, concelho de Lamego. O trabalho desenvolvido na vila de Lazarim foi dividido por momentos que passo a apresentar sequencialmente.

O primeiro momento, que constitui a etapa central deste trabalho, foi o reconhecimento do lugar e da população em geral.

O segundo momento, teve como objectivo, conhecer profundamente a festa de Carnaval da vila, para isso recolhi testemunhos narrativos de interesse analítico, assim como registei fotograficamente e filmei todos os acontecimentos possíveis. (trabalhei estes dados numa perspectiva dramaturgica devido à minha formação académica).

O terceiro momento foi recolhido dentro da escola de Lazarim. Entreguei a todos os alunos da escola um questionário para que pudessem responder

livremente às questões colocadas. Utilizei Questionários para poder analisar e compreender a perspectiva das crianças em relação ao Carnaval de Lazarim.

Neste sentido desenvolvi um estudo empírico com base em narrativas pessoais significativas recolhidas através de um questionário estruturado junto de uma amostra de nove crianças com o objectivo de compreender de que forma estas crianças se relacionam com o Carnaval tradicional da vila de Lazarim e se os seus gostos e preferências tem vindo a ser influenciados pela televisão

Uma leitura das conceptualizações apresentadas permite constatar que a evolução nos modelos cognitivos tradicionais tem vindo a afirmar-se no sentido da aceitação do carácter proactivo do ser humano na significação das suas experiências. Emersas na linguagem da aculturação e socialização, as pessoas percebem, pensam, imaginam, realizam escolhas e tecem significados, através de uma discursividade narrativa.

Assiste-se assim, a um reconhecimento crescente de que a existência humana, enquanto conhecimento se consubstancia no acto de narrar.

A interpretação constitui então, a actividade humana por excelência e os elementos abstraídos dessa interpretação adquirem significado quando organizados de uma forma narrativa. A narrativa associa-se de um modo interpretativo e multipotencial à experiência, condensando os significados numa linguagem que é em si mesma, uma linguagem existencial e assim, construindo textos partilháveis na comunidade social. Neste sentido, o comportamento humano, deriva de significado num determinado contexto cultural, pelo que a sua compreensão implica conhecer os sistemas interpretativos usados pelos sujeitos para expandir e significar as suas experiências.

Situo assim este estudo, numa abordagem ou paradigma interpretativista com a finalidade de compreender a realidade. O método específico que vou utilizar é o estudo de caso etnográfico. Na classificação de métodos proposta por Greenwood (1965), chama-se método de casos e de análise intensiva.

Ao nível metodológico, a identificação de narrativa protótipo implicou a adopção predominante das designadas metodologias qualitativas. De facto, as metodologias qualitativas, constituem uma ferramenta imprescindível para o trabalho no domínio da significação da experiência humana.

Capítulo 1. Cartografar a Festa de Carnaval de Lazarim

1.1. Enquadramento Geográfico, Histórico e Cultural

A vila de Lazarim pertence ao concelho de Lamego, começou a ser, povoada em tempos proto-históricos como se documenta pelos vestígios do denominado “Castro da Maia”.

Constituiu um concelho medieval depois extinto e voltou a ser novamente concelho no século XVIII, sendo de novo extinto em 1834. A actual elevação a vila deu-se em 1995.

O concelho de Lamego situado a Norte do distrito de Viseu ocupa uma área geográfica de 164 Km², está dividido em 24 freguesias, sendo duas delas (Almacave e Sé) urbanas, e as restantes rurais. Além da vila de Lazarim está também incluída a freguesia de Lalim, entre outras.

Lamego com uma população que ronda os 29.000 habitantes e uma densidade populacional de 179 habitantes por quilómetro quadrado é o coração do Douro Sul. A cidade de Lamego, sede do concelho é também a sede da diocese do mesmo nome, sendo a única que não faz coincidir as suas fronteiras com a divisão distrital.

Cidade histórica do período da ocupação Romana, há referências que em 569 já era sede de Bispado, situação que perde aquando da conquista pelos Árabes; torna-se definitivamente cristã em 1057 quando caiu em poder de Fernando Magno, Rei de Castela e Leão.

D. Afonso Henriques restituiu-lhe o seu Bispo e a carta de couto foi-lhe concebida por D. Sancho I. Em 1514 D. Manuel I concede-lhe Foral Novo.

Todo o conselho de Lamego é rico em património edificado, denotando um passado não só profundamente marcado pela igreja de se destaca, entre outras, as igrejas de Santa Cruz, do século XVII, a de Santa Maria de Almacave, Românica, a de Santo António, do século XIV a do desterro, do século XVII, a de S. Pedro de Balsemão, de origem sueva e a Sé Catedral, do século XII ao XVIII, como também pela aristocracia que aqui tinha solar de família e de que são

exemplos as casas das Brolhas, de Almacave, a dos Pinheiros e os palacetes dos Leitões e dos Viriatos.

“ (...) Nas encostas há centeio até meia altura e os restos dos Soutos antigos que pagavam foros ao rei.

No plano húmido cultiva-se batata, o milho é rei enchendo canastros que movimentam a paisagem, ainda há linhos, mas raros.

Há bardos e longas parreiras produzindo vinhos leves e palhetos, acres das sombras, menos os da meia encosta que o sol adoça. Há também árvores de pomar, macieiras, frutos finos desta terra da meia-serra abrigada dos ventos.

Aqui e além vê-se um carro de bois com uma sebe de entrançado de vime e salgueiro, alfaias encostadas nos muros das quintas, estrumes retirados de lojas, vacas de trabalho com campainhas, um pequeno rebanho, um moleiro que segue num burrico com taleigas desde um moinho onde a gente entra e gosta de sentir o cheiro a farinha.

Nasceram agricultores mais que pastores os habitantes de Lazarim, organizados já em fartos casais nos tempos altomedievos. Mas a herança vinha-lhes dos avós que povoaram os cerros, lá onde deixaram vincada a presença na toponímia da Anta e do Castelo, velhas aldeias abandonadas para trás de Mazes, como fantástica memória do passado, do Castro da Maia hoje na posse de Lalim, com muralhas defendendo o nascente, uma difícil escrita de covinhas nos rochedos e restos cerâmicos aflorantes.

No alto do Salgueiral, a Poente, uma sepultura geminada, cavada na rocha é uma romântica lembrança de um sentimento tão velho como o amor dos homens.

Lazarim, no centro da bacia agigantada, encostada só um pouco para olhar o sul e o sol, mantém hoje os foros de cabeça administrativa da freguesia.

Mantém uma tradição. Porque ali foi julgado medievo e a sede de um concelho outra vez ganho e perdido nos séculos XVIII e XIX. E cuja memória mais real é o topónimo Vila, designação do núcleo urbano mais antigo com a casa da Câmara, austera, construção de granito com janelas e portas de chanfros marcados.

O pelourinho perdeu-se. O Largo do Padrão é apenas recordação do mesmo.

O núcleo urbano organiza-se em três pólos distintos. O Padrão, mais próximo da ribeira guarda os solares dos Vazes e do 1º e único barão de Lazarim e mais ao lado a igreja oitocentista com o interesse de um tecto de caixotões pintados de santos e símbolos místicos.

A Vila tem a Casa da Câmara e as ruas antigas para onde se abrem casas com um balcão baixo, (o peitoril), um alçado que revela um piso com cozinha baixa e só outra larga divisão, e uma loja que às vezes aproveita o desnível.

Valverde, para além do ribeiro é mais moderno com suas casas dispersas.

O granito e o xisto associam-se no levantamento dos muros. O granito permanece mais nobre oferecendo resistência nos cunhais, nas ombreiras, nos lintéis.

Como mobiliário urbano há fontes oitocentistas, capelas de santos, um cruzeiro, e essa abundância de canastros que se mistura às eiras e aos fornos e aos moinhos que ficaram paredes-meias com os homens.

Neste círculo de terra, os homens viviam da terra, mal ligados a outras terras para onde mandavam o pão e as lenhas e a lã do gado, as varas de linho e as castanhas às rasas.

Eles quase se bastavam. Tinham frutos. Construíam as casas. E os carros de bois, os cestos de verga, os tamancos de pau e couro, as palhoças de junco, as capuchas de burel, as meias de lã.

As influências vinham mas lentas. Os velhos conservavam até tarde a memória.

A tradição era viva. Os novos assimilavam-na. E constituíam o seu prolongamento.

Hoje já não é verdade para todos os saberes e para todos as memórias. Para o Entrudo é”.

(Correia, 1999: 7/9)

A festa é o lugar de encontro por excelência. Ali se revêem velhos amigos e familiares, fazem-se as compras maiores do ano, cumprem-se as promessas pela graça recebida, namoram os mais novos e avivam-se as recordações e memórias dos mais idosos.

Entre o sagrado e o profano, a festa ou romaria na região é sempre um acontecimento único, pese embora a sua sucessão anual, desde tempos imemoriais, o que lhe dá aquele sentido tão singular e extraordinário, como se antes nunca tivesse existido e dificilmente se pudesse repetir, nos anos posteriores, com a magnificência do anterior.

“Tecer considerações sobre o património cultural, seja de que local ou região for, é sempre uma tarefa ingrata a quem se propõem realizar tal objectivo: ingrata, porque sempre ficará muito por dizer, do pouco que sempre se diz; ingrato, porque a amplitude e vastidão do que podemos designar por património cultural fica sempre aquém do que realmente ele é; ingrato ainda pela difícil obtenção de um equilíbrio entre a mera descrição, algo fria e distante, e o tom laudatório, excessivamente emotivo por parte de quem o pode produzir”.

(Ribeiro, 2001)

A Vila de Lazarim e os seus habitantes é descrita por Alberto Correia (2003:7) deste modo:

“ (...) é uma pacata povoação afundada num aprazível sítio verde, larga bacia cujo chão arável de Linhares com muita água sobe por encostas cultivadas em miudinhos geios até aos pinhais da orla florestal que resta dos medievos matagais entremeados de penedias aflorando em cristas gastas da erosão.

De Sul para Norte corre o rio Varosa nascido nos termos do altiplano de Várzea da serra de onde desce também o rio homónimo e irmão que segue outros caminhos, mas com ele se vem juntar na veiga de Dalvares descendo ambos para o Douro. Abundante de águas, despeja-as primeiro em cascatas de formoso efeito nos sítios do Fojo e da Riorta onde moem ainda os últimos moinhos, entra quase manso na alargada veiga que abandona nas voltas da Farrusca onde há casais de moleiros.”.

Lazarim é uma pequena Vila do concelho de Lamego que fica a 12.7km da sede concelhia, tem 686 habitantes, e uma área de 1571 há. O presidente da Junta de Freguesia é o Sr. Norberto de Castro Carvalho. Aos olhos de uma criança pode mesmo parecer um local de fadas, duendes e bruxas. Esta vila parece ter parado no tempo de tal forma que lembra histórias tradicionais contadas pelas nossas avós para nos proporcionarem momentos de deleite. O tempo parece não ter passado por ali. Muito embora tenha havido alguma evolução ainda se encontra de forma imaculada e com características ancestrais.

No local onde outrora existiu um pelourinho encontra-se hoje um cruzeiro. A casa da câmara encontra-se em ruínas, a igreja oitocentista prevalece com os seus santos e símbolos místicos, as fontes oitocentistas, as capelas, os moinhos e os canastros onde se guarda o milho, continuam a existir na vila.

Muita gente emigrou à procura de uma melhor qualidade de vida, uns foram trabalhar para o Brasil, outros para França e outros ainda para as grandes cidades com a esperança de proporcionar melhores condições de vida aos seus filhos. Também por aquela terra acontece os pais ficarem na vila a trabalhar na terra e os seus descendentes irem estudar para as grandes cidades. Isto mostra muito bem que a vila não tem grandes recursos a não ser a agricultura que cada vez é mais desprezada, muito embora continue a fazer parte do dia a dia de alguns

dos “Lazarinenses”. Ainda há gente a trabalhar no campo, na terra e na apicultura, por isso ainda hoje se pode ver por baixo das casas construídas em granito grandes portais em madeira onde se guardam os animais, porcos, vacas, galinhas e coelhos.

Nesta pequena vila para além de três cafés, uma padaria e uma mercearia não existe mais nenhuma espécie de comércio. Os telemóveis não são utilizados porque àquele lugar não chega rede por falta de infra-estruturas necessárias ao seu funcionamento. Os habitantes são normalmente confrontados com diversos problemas, como por exemplo, ruas em terra batida, estradas estreitas e de mau piso, ausência de parques de estacionamento, falta de bombeiros e forças de segurança. Mas quem lá vive não se queixa, já está habituado e, muito pelo contrário, não pretende que o progresso lá chegue, são pessoas idosas, com poucas ambições a não ser viverem o dia a dia. Para elas o centro de saúde é o suficiente e tudo o mais que lá existe. Os mais jovens já sentem a falta de um bar, um cabeleireiro, até mesmo um cinema, mas esses deslocam-se a Lamego que fica a 12 quilómetros de distância.

Para os forasteiros que por lá passam, principalmente na época festiva do Entrudo este lugar é “Santificado”, é um lugar de grande beleza num cromático de verdes, castanhos ocres e o transparente cristalino das águas ainda puras dos rios que abundam. O silêncio só é interrompido pelo gorjear dos pássaros, mugidos de bois ou água a descer por pequenas cascatas.

As pessoas são tranquilas, afáveis, dóceis, com os rostos sulcados pela passagem do tempo, pelos longos dias de sol a sol a trabalhar na terra, pelas longas histórias de ir e voltar à procura de algo melhor, mas são estas pessoas que nos fazem recordar os contos de fadas e acreditar que eles podem acontecer.

“ Neste círculo de terra, os homens viviam da terra, mal ligados a outras terras para onde mandavam o pão e as lenhas e a lã do gado, as varas de linho e as castanhas às rasas.

Eles quase se bastavam. Tinham frutos. Construíam as casas. E os carros de bois, cestos de verga, os tamancos de pau e couro, as palhoças de junco, as capuchas de burel, as meias de lã. As influências vinham mas lentas. Os velhos conservam até tarde a memória. A tradição era viva. Os novos assimilavam-na. E constituíam o seu prolongamento.

Hoje já não é verdade para todos os saberes e para todas as memórias.

Para o Entrudo ainda é. (Correia A., 2003, P9) “

1.2 Contextualização da Festa de Entrudo em Lazarim

Durante o meu trabalho tive a necessidade de fazer uma pesquisa mais aprofundada sobre a ligação que existe entre a cidade de Lamego e a vila de Lazarim para compreender o percurso que a festa do Entrudo foi tendo ao longo de gerações.

Concluo da análise feita sobre Lamego que pela sua situação social, económica e posição geográfica, Lazarim está intrinsecamente ligada à cidade de Lamego. As gentes da vila de Lazarim são “politicamente” orientadas pela Diocese de Lamego. Lazarim encontra-se situada a 12km de distância e o povo desta vila está sobre a alçada do poder económico, social e político de Lamego. Entende-se por isso melhor o poder que a igreja, há cinquenta anos atrás, exercia na possibilidade ou impossibilidade das gentes da (aldeia nos primórdios) hoje vila, organizarem festas de práticas mágico religiosas/profanas e outros acontecimentos sociais.

Numa visão sociológica a festa de Entrudo seria como que uma libertação a regras estabelecidas impostas por uma sociedade regida pela orientação austera da igreja. No dia do Entrudo seria permitido aos habitantes transformar a passividade da aldeia num espaço caótico. Era, pois, permitido neste dia, dizer o impensável, fazer o impossível. Neste importante acontecimento que tem lugar num só dia do ano todos os habitantes da vila se juntam para comemorar, festejar e brincar ao Carnaval. A comemoração Carnavalesca não é uma representação individual, o actor social, (a personagem do mascarado), é normalmente um ser colectivo “ grupo ou magote “ alegórico do colectivo. No dia do Entrudo o mascarado exorbita, torna-se barulhento sem limites, extravasa. O povo que durante todo o ano retrata a ordem social, neste dia transpõe a ordem normal dos acontecimentos, transforma-se noutra ser com a ajuda da máscara que omite a identidade da personagem e permite que os foliões tomem comportamentos excessivos. Neste dia tudo se torna confuso, tende-se a baralhar, a confundir até ultrapassar o limite e provocar o caos. Tudo aparece em metamorfose instável, desaparece a ordem da realidade, a ordem social, deixa de existir previsibilidade o desajustado à vida em sociedade passa a ser permitido.

Aparece um mundo “fantástico” onde impera o “contrabando” de realidades, tudo é possível de cortar, recortar, recombina.

A máscara é uma componente essencial a esta prática, torna o actor social numa outra pessoa, toma conta do agente que a usa, possibilita a catarse.

O dia de Entrudo é uma festa grotesca e a violência é uma fonte de inspiração do grotesco, daí todos os relatos de indivíduos com mais de quarenta anos em que declaram que no Carnaval de antigamente os habitantes da aldeia saíam exclusivamente para bater.

A ordem era repostada sempre pela GNR, esta seria alertada pelo padre da aldeia.

Muitos aldeões ficavam feridos gravemente por sujeitos de cara tapada por rendas. As rendas foram o primeiro objecto a ser utilizado com a função de esconder as feições, davam a possibilidade de ocultar a identidade de quem as usava. Os artesãos de máscaras construídas em madeira apareceram mais tarde. Com a máscara em madeira os artesãos têm a possibilidade artística da criação. As máscaras esculpidas tornaram-se aterradoras, exorcizam demónios e outros tipos de entes “fantásticos”.

Não existe documentação que informe exactamente em que altura o Carnaval foi proibido pela Igreja, mas sabe-se que após o 25 de Abril o Carnaval retornou em força pela mão do antigo Presidente da Junta Sr. Amândio Lourenço Rua, informação esta que me foi transmitida pelo actual presidente da Junta de Freguesia Sr. Norberto.

Numa pequena passagem podemos verificar a importância da Igreja na Festa de Entrudo de Lazarim:

“ É claro que a fundamental e continuada atitude de vigilância sobre os costumes ou sobre os comportamentos impostos por legislação emanada de instituições como o Estado ou a Igreja se realizava através de mecanismos próprios, como eram a polícia e os tribunais, ou esse outro importante e eficaz instrumento que era a confissão, decretada como obrigação anual. (Ferreira H., & Perdigão T., 2003: 28)”

Passo a citar um enxerto de Alberto Correia retirado do livro “ Máscaras de Portugal” de autoria de Ferreira & Perdigão, relativamente à inexistência de documentação de teor informativo do percurso histórico que o Carnaval de Lazarim foi tendo ao longo do tempo.

“De um concreto percurso histórico que o Carnaval de Lazarim atravessou nenhum testemunho chegou até hoje. Nem as canónicas Visitações e mesmo as mais antigas Constituições do Bispado, que remontam ao século XVI, reservam qualquer título a estas genéricas celebrações. O Carnaval resolvia-se adentro da comunidade como outro qualquer episódio ligado à ciclicidade do trabalho ou à realização dos autos que poderiam ocorrer no tempo Pascal. E assim chegou, sem modificações substanciais, até este tempo próximo, que podemos chamar etnográfico, e que dispõe unicamente da memória dos “velhos” como fonte. (Ferreira H. & Perdigão T., 2003: 29)

Pela leitura de textos de Alberto Correia sobre a festa de Lazarim, a festa durava 40 dias. As festividades eram feitas nas tardes de Domingo. A festa iniciava-se a partir do quinto Domingo que precede o Domingo Gordo designado pelo Domingo dos Amigos que abria o ciclo festivo e encerrava na Terça-Feira Gorda. Todos os domingos eram pretexto para homens se fantasiarem de acordo com a sua imaginação e recursos.

Alguns populares vestiam-se com trajes de palha materiais reciclados vindos da natureza, outros vestiam-se com pijamas, também havia os homens da terra que se trajavam de mulher, (a esta indumentária o povo apelidava de “Senhorinhas”) e saíam para as ruas da aldeia para todos vislumbrarem os seus figurinos e para reinarem.

Vestidos a preceito, grupos de mascarados percorriam a vila com cajados na mão, objectos ruidosos, ovos, cinza e farinha. Com gritos “infernais” saltos e movimentos “diabólicos” lá andavam em “magotes” a assustar o povo que assiste e a meter-se com as raparigas solteiras e casadas da vila. Relatos dados pelos filhos da terra, homens com mais de sessenta anos, mostram-nos que as saídas em grupo naquela “época” tinham como motivação a vingança, que implicava sempre a violência.

“Ao longo dos últimos vinte e cinco anos do século XX, talvez já antes, muita coisa se alterou em Lazarim, tal como aconteceu no País em geral. Alteraram-se os padrões económicos, modificaram-se as relações sociais, alargaram-se as coordenadas mentais e culturais, a “aldeia” abriu-se ao grande mundo para onde se solta, mas não escapa à invasão que atinge a intimidade.

E o Carnaval alterou-se também em Lazarim, sem que tenha deixado de ser veículo de coesão como tradicionalmente era, agora mais difícil de estabelecer porque havia de

reunir os elementos de uma diáspora, isto é, todos aqueles que circunstâncias novas arrastaram por razões de trabalho e de obrigações académicas para o exterior.” (Ferreira & Perdigão 2003:30)

O Carnaval é reconhecido por vários autores como sendo uma das mais complexas e ricas festividades.

“...uma das festividades cíclicas mais complexas e ricas de aspecto e significados e originariamente de fundo agrário. Derivado possivelmente das Saturnais romanas, o Carnaval absorveu, ao longo dos séculos, práticas de origem muito variada. A celebração caracteriza-se fundamentalmente pela licenciosidade autorizada, e, conforme os casos, comporta máscaras e mascarados, de uso geral por quase toda a parte, julgamento, condenação e destruição de manequins, as mais das vezes pelo fogo – onde os mitógrafos querem ver sobrevivência do sacrifício do rei, nos remotos cultos naturalísticos -, peditórios, normalmente pela juventude local, troças vindicta popular (casamentos burlescos, testamentos, etc.), fogueiras, manjares cerimoniais específicos, além de um preceito geral de abundância – a carne de porco e as filhoses. O Carnaval situa-se no início da Primavera, marcando o renovo da agricultura, e é seguido pelo período de abstinências alimentares e sexuais da Quaresma. Em Portugal, é precedido, em muitos casos, pelos Compadres e das Comadres, mas o ciclo começa muito antes geralmente a 20 de Janeiro, quando aparecem as primeiras mascaradas”. (Pereira B., 973)

O ciclo do Carnaval tem vindo a alterar-se ao longo dos tempos. Até há uns anos atrás poder-se-ia dizer que o Carnaval era uma quarentena dividida em diferentes momentos.

Começava no chamado Domingo dos Amigos em que magotes de rapazes saíam para brincar pelas ruas. A este dia dava-se o nome da Exaltação do Homem, saindo então os primeiros Caretos. As iguarias da Semana dos Amigos eram o caldo de farinha (milho, cereal rei daquela terra), com moira (enchido de porco com sangue). Toda a semana que se segue ao Domingo dos Amigos é em função do mesmo tema.

No final da semana chega um novo tema com o segundo Domingo, chama-se o Domingo das Amigas, este Domingo é dedicado às mulheres. Neste dia dá-se

a exaltação das mulheres e precede mais uma semana com o tema das amigas. No dia das amigas voltam a sair os Caretos para desassossegar a vila. A grande comezaina deste dia é o chouriço de carne com abundância.

Terceiro Domingo é apelidado do Domingo dos Compadres, é seguido de mais uma semana com o mesmo nome. Neste dia e durante toda a semana faz-se o peditório para permitir mandar preparar o “Compadre” e a “Comadre”, antropomorfos que se tornarão os principais figurantes desse auto de Terça-feira Gorda em que voltam a sair os Caretos.

Durante este largo período festivo grupos de jovens solteiros juntam-se secretamente numa das casas escolhida entre eles para a elaboração de um testamento.

O testamento tem como objectivo desdenhar de todos os solteirões da aldeia, rapazes e raparigas.

O grupo de jovens masculino junta-se na casa de um dos rapazes e as raparigas seguem à regra a tradição de também elas se juntarem em segredo na casa de uma das solteiras para em conjunto criarem quadras em rima que descrevam sinteticamente e perversamente os vícios e as características físicas e psicológicas mais sarcásticas do indivíduo em causa.

É também por esta ocasião que os artesãos metem mãos ao trabalho. A comida está sempre presente nestes festejos e o manjar desta semana são as moiras, designação para enchidos de sangue.

Quarto Domingo ou Domingo das Comadres continua-se todo o trabalho que se iniciou no Domingo anterior, só se acrescenta ao petisco o salpicão.

Quinto Domingo conhecido por Domingo Magro chamado na “Folhinha de Quinquagésima”, saem os Caretos como até aqui tem vindo a acontecer. Faz-se o leilão de N^o Senhor e de Santo António, as partes do porco que tem vindo a ser o manjar dos habitantes de Lazarim são oferecidas a Santo António como ex-voto, pagamento de promessas feitas e aceites ao longo do ano pelo povo de Lazarim.

É por esta altura que se selecciona o leitor para o testamento ou a *deixada* (designação para herança, tradicionalmente é um burro que é dividido por todos e cada parte é a herança deixada a cada sujeito, a deixada é a especificação da parte do burro que é oferecida).

Como sem comida esta festa não tinha significado é uma época de abundância alimentar, neste período come-se rabo de porco e suã.

Sexto Domingo, o Domingo Gordo, nesta altura já se escolheu o compadre e a comadre que vão ler o testamento no dia de Entrudo.

Com o decorrer deste período festivo vai crescendo semana após semana no intimo de cada Careto o desejo perverso de quebrar com todas as normas e enlouquecer-se a si e a todos os membros da vila.

Os leilões aos santos continuam, e é a vez de entrar no cardápio a tromba de porco, os pés e as unhas.

Chega o dia tão esperado por todos, é dia de Entrudo, as ruas enchem-se de curiosos vindos de outras paragens, os filhos da terra voltam à casa mãe, homens que por força das necessidades tiveram de emigrar regressam neste dia só para presenciarem aquele que é o momento mais alto do ano para os “Lazarinenses” o dia em que tudo é permitido.

No Dia do Entrudo saem os Caretos eufóricos com energia a transbordar. É chegada a altura de se apresentar ao povo o Compadre e a Comadre, os tão esperados *testamentos de mal dizer são lidos e queimam-se o compadre e a comadre por entre o escuro da noite*. Em ruelas estreitas e curvas estão mulheres com grandes caldeirões de comida a ferver, tem orelheira e enchidos para oferecer a todos que os queiram partilhar.

Na Quarta-feira de cinzas faz-se o luto. Entra-se num período de abstinência tanto ao nível da alimentação como a nível sexual. É um período de jejum pois a partir deste momento voltou a considerar-se pecado todos os excessos.

A alimentação ao longo de todos os Domingos tem uma carga simbólica. No primeiro Domingo, no Domingo dos Amigos é servido pelas mulheres aos homens o caldo de farinha e a moira como representação da força da mulher em que serve os alimentos com baixo valor nutritivo aos homens. Este menu é o mais comum na mesa dos mais pobres.

Este rito é um castigo com que a mulher quer castigar o homem, enquanto ao homem é servida a refeição mais desprezada pelo grupo de sujeitos da vila a mulher deleita-se servindo-se a si própria com um manjar rico, a chouriça *“enchido nobre que desafia a magreza da moira”*. É através desta acção que a mulher manifesta o seu poder e a sua autoridade perante o homem.

Durante todo este percurso homens e mulheres medem forças simbolicamente, está travada a guerra entre sexos, utilizam estratégias para definir os espaços em que cada um dos géneros tem mais autoridade. O poder da mulher

reside mais no lar, é o território demarcado por ela onde exerce total poder sobretudo na cozinha local que conhece tão bem e que pode utilizar para fins mais perversos, como é o caso da preparação de algumas refeições do inteiro desagrado do homem, como já foi referido.

No Domingo Gordo reúne-se toda a população para a comezaina que assume um estado de cerimónia. Após a partilha dos alimentos é chegado o grande momento, a deixada do testamento. Perante uma enorme assistência, em cima de um palco, dois jovens solteiros uma rapariga e um rapaz trocam frases de mal dizer, lava-se roupa suja sobre os membros solteiros daquela vila, um grande duelo entre machos e fêmeas cresce ao longo da tarde e é escutado por todos com grande sofreguidão de perversão e algazarra.

Caretos escondem-se por detrás das máscaras enquanto ouvem atentamente quadras em que abunda o palavrão e revelam segredos maquiavélicos, secretos sobre si e sobre o seu vizinho, pela natureza da sua indumentária e da máscara, todos aqueles que se reconhecem no texto mantêm a sua identidade irreconhecível não se expondo ao olhar pérfido dos demais.

No final do testamento são queimados os dois bonecos que simbolizam a comadre e o compadre. Talvez visto de uma forma simbólica o fogo tenha como objectivo a purificação, a transformação daqueles seres antropomorfos cheios de vícios em seres iluminados profundamente puros e imaculados. Os dois bonecos vestidos a rigor copiam as farpelas de quem os transporta. Trata-se de um estandarte que simboliza dois jovens solteiros cobertos de “impurezas de alma” pecados capitais e que acabam no final da cerimónia por serem queimados o que significa que todos os seus pecados são libertados pelo fogo.

Verificam-se hoje algumas quebras na tradição da festa do Entrudo.

Esta festa quebrou a tradição da quarentena como ciclo carnavalesco para a saída dos Caretos. Este ciclo festivo deixou de ser vivido numa quarentena e passou a ter expressão só a partir do Domingo Magro, isto quer dizer que o período de festividades passou de seis Domingos para dois Domingos um imediatamente seguido do outro e o dia mais emblemático, a sublimação da festa e a catarse é a Terça-feira dia do Entrudo.

O ritual à volta das comidas e da feitura do testamento prevalece inalterável. As datas que até esta parte eram rigorosamente cumpridas pelas

diferentes comemorações temáticas são agora determinadas na altura pelo povo. Obtive esta informação através dos testemunhos feitos pelos filhos da terra.

Outra mudança observada na minha passagem por estas terras e em conformidade com o que li sobre a festa de Carnaval foi a troca de iguarias para o dia propriamente dito de “Cerimónia” Terça – feira dia do Entrudo, em que é oferecido a todos os participantes activos e não activos o caldo de farinha com moira, broa e muito vinho; pelo calendário de petiscos acima referido o caldo de farinha e a moira eram servidos no antigamente no Domingo dos Amigos que corresponde ao primeiro Domingo do Ciclo carnavalesco.

Outra grande mudança tem vindo a acontecer no objecto da máscara. A máscara feita por artesãos da vila retratava animais, demónios, reis, rainhas ou gente da igreja. Hoje para além de prevalecerem entre os Caretos essas imagens começam também a ver-se caras famosas, rostos polémicos da actualidade conhecidas por todos, tanto no campo da política como no desporto.

O que se explica tal como no estudo feito por Sofia Adriana Maciel (1998: 8) em “A Máscara de Ousilhão” em que a autora reforça a ideia de que não se pode ter uma leitura da máscara, compreender a sua linguagem e contexto, desligada da cultura do grupo a que pertence, a máscara é pois «a expressão simbólica do pensamento de uma comunidade».

2. As Máscaras

Dá-se o nome de Careto ao indivíduo que se fantasia utilizando uma máscara, careta ou caraça, este utensílio permite esconder a sua identidade por detrás de um pedaço de madeira trabalhada, material mais utilizado nos meios rurais para a sua construção. Com a máscara veste trajes elaborados manualmente a partir da sua imaginação e adereços que enriquecem o disfarce possibilitando ao Careto a sua movimentação por entre a população sem ser reconhecido mas chamando a atenção de todos através das cores usadas ou de objectos ruidoso.

Careto, designação para o mascarado homem, associa-se um novo termo para o mascarado representativo do género feminino, é a chamada Senhorinha.

A Senhorinha é composta por uma máscara representando o rosto feminino. A indumentária para esta fantasia é composta por saias, calçado de salto alto e enchumaços por debaixo das camisolas salientando o peito. Esta fantasia é usada por homens ou mulheres.

Antigamente este disfarce era só vestido por homens que se transformavam em mulheres. Hoje em dia as mulheres e meninas também participam nas mascaradas, elas fantasiavam-se tanto de Senhorinhas como de Caretos utilizam todo o tipo de máscaras as que representam demónios, animais, até aos homens da actualidade político/desportiva.

Outra forma de representar a Senhorinha é a utilização de uma renda que cobre o rosto, tem o mesmo significado que a máscara de madeira esculpida com o rosto de uma mulher. Estas rendas eram muito utilizadas nos Carnavais de antigamente pois não existiam tantos artesãos que construíssem máscaras esculpindo a madeira. Os artesãos criavam poucas máscaras e quando as esculpiam era só para seu belo entretenimento e para uso próprio, não para comercializar. Hoje em dia já existem vários artesãos que constroem as máscaras por altura do Carnaval com diferentes objectivos: uns fazem-no por encomenda para vender em quantidade, outros constroem as máscaras com o objectivo de as levar para outras regiões para serem conhecidas, apreciadas e para o seu trabalho (arte popular) ser reconhecido por um maior número de indivíduos. As máscaras são vendidas em feiras ou colocadas em espaços específicos para exposição. Tem-se vindo a verificar um cada vez maior interesse por parte de entidades institucionais na proliferação das máscaras de forma a proteger e preservar um património cultural assim como dar a conhecer uma arte popular que vem de antes do neolítico.

A Senhorinha na sua indumentária tem que ter o cuidado de tapar as mãos com umas luvas e as pernas com meias grosseiras de forma a encobrir os pelos se existirem, sobre a cabeça deve colocar um lenço e nas suas costas um xaile, estes elementos ou adereços são típicos do figurino da Senhorinha, deverá ainda fazer-se acompanhar por uma cesta em palha de maneira a poder guardar cinzas, farelo de milho ou farinha para atirar às mãos cheias a quem mais lhe agradar. Este rito tem como objectivo o de afugentar homens ou “rapazolas” que atrevidamente se metem com estes mascarados ou simplesmente agredirem com estas poeiras quem quiserem para seu belo e perverso divertimento.

Ainda em relação aos trajés os Caretos dependuram nas suas vestes animais rastejantes apanhados para o efeito, para que representem maior terror, principalmente entre grupos de crianças e raparigas, utilizam como adereço bengalas ou moccas para se defenderem mas também para provocar o pânico.

“Dos antiquíssimos ritos, desse universo mágico naturalístico em que funcionavam as importantes cerimónias de mascarados de raiz que vai para além do neolítico nada subiste enquanto elemento cultural.” (Correia, 2003: 26)

Para as gentes da vila de Lazarim este ritual Carnavalesco tem um significado apenas lúdico: é um jogo em que a personagem “actor” brinca com o disfarce que enverga. Homens e mulheres fantasiados de Careto metem-se com as raparigas presentes assustando-as e apalpando-as. A todos os participantes os Caretos atiram com farinha entre outros pós durante a brincadeira e fazem uma algazarra ensurdecadora.

O sujeito social esconde-se atrás da sua fantasia para ocultar a sua identidade podendo, desta maneira, fazer tudo aquilo que não seria capaz se não estivesse escondido por detrás de uma máscara, tem ainda como objectivo não ser alvo de chacota durante a leitura do testamento em que compadre e comadre, os leitores do auto, desdenham de todos os habitantes da vila sem se esquecerem de nenhum.

Antigamente as máscaras eram talhadas a partir de imagens de animais, da caricatura de alguns aldeões e de demónios que povoavam a imaginação dos artesãos. Eram poucos os motivos representativos porque àquela aldeia pouca informação chegava. Com os media, principalmente a televisão, os artesãos, começaram a receber uma maior quantidade de informação sobre a actualidade e o quotidiano das grandes cidades, o que levou a que estes artesãos tivessem mais conteúdo criativo para construírem um leque mais diversificado de máscaras. Hoje em dia os artesãos brincam com imagens de homens polémicos da política, economia, religião, desporto, de todos os quadrantes sociais. Normalmente estes seres caricaturados são famosos conhecidos por todos e alvo de amores e desamores por parte da população em geral.

A matéria-prima mais utilizada para a talha da máscara é o amieiro por existir com abundância junto à margem dos rios daquela vila. Também se usam por aquelas bandas a madeira de castanho e da nogueira.

Numa conferência assistida a 13 de Janeiro no Centro Cultural de Bragança intitulada “A Máscara e o Teatro” por Filipe Crawford, o conferencista expressou a importância da Máscara na formação de actores, a máscara como instrumento vs objecto de Arte e nas funções da máscara como responsável de transmissão de emoções provocando o medo, o terror, o riso. Ainda se pronunciou sobre a máscara ligada a rituais, a máscara na Comedia d’el Arte, no teatro Nô, Opera de Pequim, teatro Katakali e Kabuqui. Conclui o seu discurso falando no desaparecimento da máscara por meados do século XVIII aquando do aparecimento do texto como substituto à máscara.

Para Filipe a máscara não é um acessório mas um elemento essencial para que exista o teatro. Para este profissional do teatro a pintura do rosto pode ter o mesmo valor da máscara. A máscara para o actor é uma convenção, um símbolo, que se trabalha de fora para dentro até encontrar a forma.

A máscara é um instrumento de comunicação com o desconhecido e evoca a presença do sagrado.

A máscara tal como o texto teatral só adquire sentido a partir do momento em que é chamado a figurar no contexto em que exerce as suas funções. Por este motivo pode-se concluir que a máscara não permite um acesso directo ao seu significado se não for estudada ligada à cultura da linguagem e no contexto do pensamento de uma comunidade (Maciel) 1998. É por este motivo que ao falar de máscara fala-se de um grupo de pessoas com crenças, com um determinado modo de pensar, com usos e costumes que caracterizam sócio-culturalmente uma população.

“Pertence à natureza da sociedade o facto de ela se exprimir simbolicamente nos seus costumes e nas suas instituições” (Maciel, 1998: 15)

A máscara para além de ser um objecto cultural é também um objecto simbólico dotado de significação cultural.

Então pode-se concluir que através do estudo da máscara se pode chegar ao conhecimento mais aprofundado pela relação que existe entre sujeito-objecto.

A máscara torna possível pela sua representação simbólica a “comunicação” entre o natural e o sobrenatural.

Então a máscara é um elemento cultural com uma profunda carga simbólica, representando uma dicotomia entre o que é representável mas também o que não é representável, existe na máscara uma representação do concreto e do abstracto

A máscara tem em si o que Paul Ricoeur chama de “símbolo autêntico”.

Para Ricoeur símbolo autêntico tem três realidades concretas em si:

“cós mica, onírica, e poética”

Sofia Maciel define estas três realidades da seguinte forma.

Símbolo cósmico, porque recolhe a sua figuração no mundo visível através da representação plástica de um rosto semi-humano e semi-animal; símbolo onírico, porque se enraíza nas recordações de uma comunidade que uma vez por ano a traz à consciência; símbolo poético, porque apela igualmente à linguagem que na sociedade comunica o social pela sua expressão simbólica. (Maciel) 1998

Ora a máscara exprime uma linguagem, o antropólogo Lévi- Strauss, no seguimento do seu pensamento estruturalista defende que a máscara, enquanto elemento de uma cultura, ou representação simbólica da mesma, tem por detrás de si uma linguagem que é necessário compreender e decifrar.

A máscara no seu contexto comunica uma mensagem constituída por signos, códigos que é necessário compreender para decifrar, tem uma linguagem própria de um meio cultural, pode-se acrescentar que a máscara é um sistema de comunicação “verbal” e “não verbal”:

“Verbal” através da mensagem que passa pela linguagem que pode ser entendida a partir das artes plásticas, daquilo que o criador apresenta directamente ao receptor, (a imagem).

“Não verbal” pelos signos que simboliza que não é da ordem do real, aquilo que o criador quer transmitir no plano das emoções, o abstracto, (o que está para além da imagem).

A máscara é um objecto social e colectivo que pode servir para conhecer com profundidade um determinado grupo de sujeitos através das suas manifestações culturais, só se pode individualizar enquanto obra de arte.

A máscara combina simultaneamente funções sociais, porque é de todos e todos representa.

“A máscara tem em si a característica de suscitar emoções e sensações, exprimindo valores e crenças de uma comunidade, ela é matéria não só de reflexão, mas também de interpretação.” (Maciel, 1998: 40).

Lévi-Strauss afirma *“O mascaramento é um fenómeno especial que vive no coração do social”*.

A máscara têm o objectivo de comunicar e tem em si um sistema simbólico em que o mascarado tem ligações com uma estrutura social e com o cosmos.

3. Testamento

Até agora tudo o que temos vindo a falar sobre a concepção das máscaras e das indumentárias é obra da imaginação do mascarado que veste a personagem e do mestre artesão que talha a madeira e esculpe belíssimas máscaras. Não é um trabalho organizado, antes pelo contrário, é um trabalho espontâneo contrário aos “Testamentos” que tem uma organização própria.

Os Testamentos da Comadre e do Compadre são um acto organizado como refere Alberto Correia no seu livro as Máscaras de Carnaval de Lazarim.

O ritual da leitura do testamento na tarde de terça – feira é uma cerimónia importantíssima no dia de Entrudo, se não a representação mais importante do Ciclo Carnavalesco.

A Comadre e o Compadre são representados por dois jovens solteiros da vila.

Todo o enredo deste manifesto (testamento ou deixadas), anda à volta do poder entre os dois sexos, é uma guerra declarada entre o desejo sexual em simultâneo com o desdém que cada um tem pelo sexo oposto. Trata-se de um jogo ambíguo entre ambos os géneros, um tipo de relacionamento que sai dos padrões normais impostos pela sociedade e dos comportamentos que estes actores sociais têm no seu quotidiano.

Antigamente a celebração das Semanas das Comadres e dos Compares (sublimação da festa com a leitura do testamento) era feita de uma forma mais recatada, no seio familiar entre casais, era uma luta doméstica de poderes entre homens e mulheres casados, hoje ultrapassou as paredes das casas, deixaram de se

celebrar estas “Semanas” dando lugar a um só dia em que a luta entre sexos é “violenta”, psicológica.

Toda esta “guerra” é estudada e organizada ao pormenor com a antecedência devida.

Em tempos remotos ao longo do Ciclo carnavalesco os rapazes elaboravam um manequim feminino, um boneco que representa a Comadre que no final da leitura do testamento é queimado, as raparigas constroem um boneco que representa o Compadre, tem o mesmo fim que a Comadre, ser reduzido a cinzas. Estes dois bonecos são transportados desde que o rapaz e a rapariga saem das suas casas, para se dirigirem ao local escolhido para as leituras do testamento, até ao fim das leituras por ambos os sexos. Quando esta cerimónia chega ao fim tanto os actores principais desta cena como todo o público dirigem-se para um outro lugar previamente escolhido para queimar os bonecos, finalizando com este ritual o encerramento de todas as cerimónias Carnavalescas até ao próximo ano. Das cinzas daqueles manequins recomeça um novo ciclo, o da abstinência e jejum.

É na terça-feira de Entrudo que os bonecos aparecem pela primeira vez na praça ao olhar de todo o povo. O Compadre e a Comadre acompanhados de mais dois solteiros, uma rapariga e um rapaz, que têm a função de fazer guarda ao seu patrono e a de transportar os bonecos estão prontos para subir ao palco para as deixadas do testamento.

Antigamente estes bonecos eram feitos de palha e vestidos com retalhos de pano, hoje em dia o ritual é o mesmo a não ser os bonecos que são confeccionados de diferente forma, os bonecos são elaborados por pirotécnicos, homens com grande conhecimento em materiais combustíveis. Os materiais utilizados são o papel que arde facilmente é de grande leveza e tem uma vasta paleta cromática.

Depois de terminados são colocadas nos bonecos bombas de Carnaval para que enquanto explodem adquiram movimentos circulares como se figurasse a “embriaguez do boneco até à sua morte” o que simbolicamente é o fim do Ciclo do Carnaval e de todos os excessos.

Para a execução destes bonecos os rapazes e as raparigas fazem peditórios pela aldeia, os rapazes fazem a colecta junto aos homens casados e as raparigas fazem o peditório junto das mulheres casadas. Esta tradição ainda hoje se mantém.

Pela tradição a leitura dos Testamentos fazia-se em três diferentes momentos e lugares.

A primeira leitura é feita no largo onde existiu o pelourinho, o centro da vila.

A segunda leitura é feita na vila no sítio do Caleirão, centro histórico com a casa da câmara.

E por fim a terceira leitura faz-se no povo de Valverde, no sítio da Cruzinha, onde tudo termina com a morte do Compadre e da Comadre.

“È apenas mais um quadro desse alongado auto, misto de paródia e drama que entre o sério e o jocoso revela a psicologia de um povo e informa terminantemente acerca da conformação de elementos de cultura importantes.”

(Correia, 1999:17)

Nos tempos actuais esta tradição foi alterada, o testamento é lido num só local escolhido pelos testamenteiros e organizadores da festa.

Sendo a leitura dos testamentos o momento mais alto da festa, em que junta a maior quantidade de gentes, (curiosos e participantes), o local onde é lido é também o espaço da vila com mais destaque, em frente à junta de freguesia onde outrora havia o pelourinho e hoje tem um cruzeiro no seu lugar.

Outra tradição que sofreu alterações foi a da entrada de mulheres na leitura dos Testamentos.

Hoje rapazes e raparigas lêem o testamento a desdenhar do sexo oposto dos sujeitos da aldeia. Antigamente esta prática não era possível porque nenhuma rapariga participava nas práticas Carnavalescas, era uma festa de índole masculina por isso só homens liam o Testamento, mas curiosamente era dada à rapariga a possibilidade de escolher um homem casado para fazer a leitura do testamento.

Em 1985 Lúcia Maria Almeida, com dezanove anos nessa época, foi a primeira mulher a ler o testamento mesmo com todas as objecções postas pelo sexo oposto. Lúcia quebrou com a tradição e a partir daquele momento as raparigas passaram a participar activamente na leitura do Testamento.

A leitura inicia-se com o testamento do Compadre.

Todo o público presente é participante activo, a cada quadra proferida por aquele que está a fazer “dramaticamente” a leitura do texto há risos de escárnio, assobios, murmúrios, gritos. Os Caretos presentes utilizam utensílios para se

manifestarem, tachos, panelas e cajados juntamente com o rufar de tambores são os objectos mais comuns para tornar o momento mais excitante.

Segue-se a leitura das Comadres. O ritual mantém-se e é a vez das mulheres se imporem no mesmo ambiente eufórico em que vai decorrendo o Testamento que mais parece um julgamento com arguentes e arguidos.

No final das leituras rapazes e raparigas tentam apoderar-se do testamento do sexo oposto para reflectirem sobre os conteúdos.

Os textos são construídos em verso; este trabalho é de grande dificuldade pois trata-se de uma aldeia envelhecida em que a taxa de analfabetismo é muito elevada.

Estes versos eram então elaborados com a ajuda de um poeta popular da aldeia ou versejador habilidoso.

Este ritual era absolutamente secreto. Os grupos separadamente, “rapazes para um lado raparigas para outro”, em segredo, ausentavam-se das suas casas durante a noite em direcção a palheiros para, em total tranquilidade, elaborarem cuidadosamente os Testamentos.

Hoje em dia os Testamentos são redigidos na casa de um indivíduo do grupo.

Os textos são divididos em três partes fundamentais: o princípio, as deixadas e o fim.

- O princípio é um proémio, inicia-se com a referência cronológica ou geográfica em uma ou duas quadras e refere-se a todo o ciclo do Entrudo caracterizado em função da fome ou da abundância.

- As deixadas (burro dividido em partes a ser testamentado) é o que é atribuído a cada indivíduo nomeado pelo testamenteiro evocando o seu nome próprio. (Deixada no sentido amplo é o conjunto de todas as quadras referentes a todos os herdeiros e que englobam a deixada propriamente dita e o defeito).

O defeito é a crítica atribuída pelo Testamenteiro.

Os defeitos ou críticas são normalmente de aspecto físico e psicológico, como sendo:

Forma de vestir, forma de andar, a sua higiene pessoal, os sete pecados capitais, os amores e desamores.

- O fim é uma despedida até ao próximo ano, é no próprio testamento que é evocada a forma como o compadre e a comadre irão ser castigados até à morte.

No local designado para o efeito dá-se lugar ao sacrifício dos dois bonecos na presença de todos. Acende-se uma mecha ao cordel dos bonecos e em movimentos circulares como referi anteriormente os bonecos vão-se incendiando ao som de uma enorme algazarra produzida por todos os que assistem aquele acto fatídico.

O papel das crianças nesta festa é mais um papel passivo, elas brincam ao Carnaval, fantasiam-se atiram as cinzas mas no que diz respeito a esta fase da festa, à leitura dos testamentos elas não são tidas nem achadas por ainda se encontrarem numa idade livre de imperfeições e vícios muito embora já tenham a malícia necessária para interpretar o que é dito nas deixadas e se deliciarem com os conteúdos que são evocados pelos testamenteiros. As crianças aguardam e preparam-se ansiosamente pela idade em que possam participar activamente no contexto completo da festa. Enquanto aguardam por esse tão esperado momento vão elaborando máscaras e figurinos na sua escola e aprendendo com a professora tudo sobre toda a História do Carnaval que tem vindo a ser desenvolvido na vila de Lazarim.

Capítulo 2. O ESTUDO

1. Objectivos

Este estudo teve como objectivos:

- Cartografar a Festa do Entrudo enquanto prática teatral cultural;

- Identificar o significado que as crianças atribuem às máscaras de Lazarim e à Festa do Entrudo, enquanto património sócio/cultural;

- Perceber se a comunicação social veio alterar, e se sim até que ponto, a forma de agir e de pensar das crianças em relação ao Carnaval de cariz tradicional, (um rito ancestral da sua terra), modificando afectividades, em virtude da introdução de novas formas de expressão carnavalesca importadas de outras culturas.

2. Os sujeitos envolvidos

Para melhor sustentar os resultados deste estudo foram entrevistados:

- Residentes e os que emigraram por diferentes razões;
- Grupos etários que variaram entre a juventude e a terceira idade;
- Diferentes classes sociais e estatutos; o padre, o presidente da junta, o empregado de café e reformados;
- Diferentes géneros.
- As crianças residentes na vila de Lazarim e que frequentam a escola da vila.

3. Metodologia

A natureza do problema de investigação deste trabalho é o de conhecer as experiências de significação associadas ao fenómeno de descobrir:

“Descobrir – intelectualmente, fisicamente e emocionalmente – é extremamente difícil quando se trata de crianças. A distância física social, cognitiva e política entre adulto e criança tornam essa relação muito diferente das relações entre adultos. Na investigação com crianças, mantemo-nos sempre como «um outro» bem definido e prontamente identificável e interpretar, remete-nos para uma metodologia qualitativa. (Walsh & Graue, 2003: 10)

Antes de partir para o campo de estudo escolhido, para desenvolver um trabalho etnográfico, documentei-me sobre as gentes, as festas e as máscaras de origem popular.

O meu trabalho foi realizado com os sujeitos da vila de Lazarim e teve duas fazes distintas:

Na primeira fase do trabalho tive a preocupação de perceber toda a organização da festa de Carnaval e conhecer os agentes sociais pertencentes à vila, a partir de uma observação presente e de entrevistas feitas com a população.

A segunda fase foi efectuada com os alunos do 4º,5º e 6º anos da vila de Lazarim em que propus que me respondessem a um questionário.

Iniciei o estudo com um trabalho de pesquisa sobre o objecto “máscara” por pensar que a “máscara” arrasta consigo histórias ancestrais de interesse cultural e social que fazem parte de um património ou de um grupo de pessoas; assim acredito poder conhecer melhor os sujeitos (os seus costumes, os rituais, os vícios e as virtudes) que me proponho estudar.

O presente estudo tem também como finalidade perceber de que forma as máscaras “povoam” o imaginário das crianças. Pretendo saber se para as crianças de Lazarim, as máscaras são uma referência enquanto património cultural que merece especiais sentimentos, como: o orgulho e a vaidade, por fazerem parte integrante da sua terra natal, ou se são apenas uma presença viva nos seus costumes, hábitos e rituais sem um interesse relevante.

Para melhor compreender o que acima referi introduzi no meu trabalho a imagem de um mascarado contemporâneo, o “Spawn”, (super herói, personagem

de banda desenhada, amada e mimada pelas crianças das cidades) que eventualmente já seja do conhecimento das crianças da vila, apresentado através da televisão. Este herói foi escolhido para tema do trabalho por usar máscara e por ser possível a sua comparação, numa versão moderna, ao Careto do Carnaval da vila de Lazarim. Assim terei uma percepção mais real do impacto dos média em pequenas vilas e na troca de afectividades que deste fenómeno pode surgir no mundo interior dos mais pequenos.

A escassez de trabalhos científicos produzidos no domínio da imposição de uma nova visão do mundo através da televisão é um dos motivos que me levou a fazer este estudo.

“As preocupações do autor relativamente ao campo estudado foram surgindo e adquirindo contornos mais nítidos a partir de uma crescente insatisfação, tanto com as teorias implícitas no discurso público e no senso comum acerca da relação criança televisão, como com a escassez dos estudos científicos, nomeadamente no campo sociológico, directamente relacionado com esta temática.” (Pinto, 2000: 26).

O trabalho que desenvolvi remete-me para uma metodologia qualitativa, tem como objectivo ou paradigma o de entender ou compreender, é por isso uma investigação interpretativista, e tem como actividade descrever aquilo a que Jorge Vala (1986) chama a este nível o de «investigação a nível descritivo». O presente estudo insere-se numa perspectiva interpretativa, tal como definida por Erickson para as abordagens «alternativamente designadas por etnográficas, qualitativas, com observação dos participantes, estudos de caso, interaccionista - simbólicas, fenomenológicas, construtivistas ou interpretativistas» (Erickson, 1986:119). Este é o caso, uma vez que foi utilizado o método etnográfico.

Com o trabalho de campo tive a possibilidade de interpretar cognitivamente, emocionalmente e fisicamente, (Bochner & Ellis, 1996), um grupo de actores sociais.

A investigação qualitativa empreendida supõe, então, como objecto principal, o desenvolvimento do conhecimento através da construção indutiva de uma teoria. Construir teorias implica colocar questões de investigação abertas e abrangentes que garantam a flexibilidade e liberdade para explorar o fenómeno, interpretar dados para serem conceptualizados e relacionar os conceitos de modo a

formar uma interpretação teórica da realidade. As teorias representam a forma mais sistemática de construir, sintetizar e integrar o conhecimento científico, o que Blumer, Dising e Glaser sublinham ao afirmar que: "O desenvolvimento de interpretações teoricamente informadas é a forma mais poderosa de tornar a realidade visível"¹ Centro o trabalho no método da narrativa enquanto princípio organizador da acção humana que possibilita um trabalho retórico, estrutural e crítico. A análise narrativa tem como objecto de investigação uma história, na qual se procura ver como é que as crianças percebem a festa de Carnaval da vila de Lazarim no seu quotidiano, de forma a dar sentido aos acontecimentos da sua vida (Riessman, 1993).

Para a observação e análise em campo utilizei o método dos três princípios básicos de Grounded Theory: analisar o diariamente observável, descobrir e fazer interpretações, aplicar de forma flexível os procedimentos e manter um questionar ao longo de todo o processo.

A outra componente vital deste método é a criatividade no sentido de permitir questionar as suposições prévias, colocar questões que elicitam novos insights sobre o fenómeno e criar uma nova ordem. Este método implica, assim, um balanço entre criatividade e rigor, o qual exige persistência estimulada por alguma literatura técnica específica sem que seja necessária uma revisão exaustiva e abrangente, identificando o fenómeno a ser estudado e não uma teoria a comprovar.

4. Processo de implementação

O processo de implementação do trabalho realizado na vila de Lazarim desenvolveu-se ao longo das seguintes fases:

1. Recolha de dados – selecção das narrativas pessoais significativas, entrevistas, questionário, fotografia, vídeo, gravação áudio, e transcrição;
2. Categorização – análise das narrativas pessoais significativas;
3. Memorando – formulário de observação de descrição sistemática;

¹ "the development of theoretically informed interpretations is the most powerful way to bring reality to light"¹ (citado por Strauss & Corbin, 1990: 22).

4. Construção da teoria – construção da narrativa protótipo com base na categorização efectuada.

Passo a explicar em que consiste cada uma das fases:

A metodologia usada para a selecção da narrativa pessoal foi a entrevista e o questionário, dado que constitui um método particularmente válido para estudar o discurso e o significado (Mishler, 1986).

Terminada a selecção das narrativas pessoais significativas procedi à transcrição do registo áudio e comentário das entrevistas efectuadas a adultos durante o percurso da festa do Entrudo na vila de Lazarim. A transcrição consistiu na representação do registo áudio – gravado em “discurso escrito”, nas palavras de Ricoeur (citado por Riessman, 1993).

Utilizei um questionário com duas imagens, uma de um herói televisivo, outra de um Careto. . (V. *Anexo III: Questionários*)

Passo a explicar: utilizei no questionário a imagem de um super herói famoso que enverga uma máscara e um traje que pode ser comparado a um Careto numa versão contemporânea, quer ao nível dos materiais utilizados, quer na atitude. O seu nome é Spawn e é conhecido através da televisão cinema e bandas desenhadas pelas crianças que vivem nas grandes cidades. Tive o cuidado de procurar um super herói famoso (não tão famoso como o homem aranha ou o super-homem) para perceber se esta personagem é familiar às crianças do presente estudo e se trocam o traje de Careto conhecido por todos pelo figurino da personagem do Spawn. Quero entender se uma fantasia contemporânea é mais aliciante ou mais sugestiva para este grupo de alunos ou se continuam a preferir a fantasia de Careto, feita com materiais recolhidos da natureza ou matérias pobres como trapos ou plásticos, tão antiga quanto o próprio tempo que a vila tem. Procuro entender qual a carga afectiva que os trajes do Carnaval de Lazarim tem para as crianças envolvidas no trabalho, se a tradição do Carnaval Lazarinense está de tal forma enraizada que nenhuma novidade tem o poder de alterar esse sentimento ou, se pelo contrário, existe nestas crianças um forte desejo em modernizarem-se alterando o tradicional Carnaval por figurinos contemporâneos.

5. Passos da recolha de dados

Na recolha de dados durante o período festivo utilizei instrumentos como a máquina fotográfica, o vídeo e as gravações áudio. Foram estas as ferramentas utilizadas para auxiliar à observação sistemática de forma a poder analisar, interpretar e descobrir um fenómeno sob várias perspectivas (comummente conhecida por triangulação).

A câmara de vídeo foi utilizada no dia do reconhecimento à vila de Lazarim, no Domingo dia da procissão, na cerimónia do dia do Entrudo e para registar a entrevista com o artesão durante o seu trabalho. As entrevistas foram realizadas junto dos habitantes da vila, dos sujeitos que emigraram, do público em geral e de um pequeno grupo de pessoas “tipo”, o padre e o presidente da junta de freguesia; Nesta primeira fase do trabalho só participaram adultos e as pessoas mais velhas da vila.

Utilizei a máquina fotográfica durante os dias que permaneci na vila sobretudo para registar as imagens das máscaras e dos trajes. A gravação áudio devido à sua fraca sonorização só foi utilizada durante a leitura dos testamentos por terem sido lidos com a ajuda de microfones o que possibilitou a amplificação do som facilitando posteriormente a transcrição das palavras. Esta tarefa foi executada no âmbito da festa de Carnaval durante a primeira fase do trabalho de recolha de dados envolvendo só adultos.

A segunda fase da recolha de dados foi feita durante o período normal lectivo tendo regressado pela segunda vez à vila de Lazarim para fazer um trabalho com as crianças. O trabalho consistiu nas respostas escritas dadas pelas crianças da escola de Lazarim a um questionário em que o assunto era o traje e a máscara. O regresso a Lazarim foi necessário visto durante o período da festa de Carnaval as crianças se encontrarem de férias.

Os questionários foram feitos junto dos alunos dos 4º,5, e 6º anos tendo sido elaborados de uma forma passível de uma boa compreensão. Os resultados estiveram de acordo com as questões de extrema simplicidade o que levou a fazer comentários sintéticos e não uma análise intensiva.

Utilizei para as anotações de campo (descrição da festa, do espaço, e das gentes em geral; modo como se comportam as crianças e adultos no seu quotidiano) o memorando ou notas de campo de registos concretos conceptuais e

teóricos. Facilitou a compreensão dos dados de forma a aproximar e informar o leitor de um ponto de vista social, cognitivo e cultural da realidade vivida em campo tanto dos adultos como das crianças.

O memorando transmite a noção do espaço e de todo o percurso do “campo de estudo” do trabalho na vila de Lazarim.

Capítulo 3. Memorando

O “Memorando” teve uma importância fundamental no decorrer do trabalho de investigação.

Utilizei este processo de forma a ter, enquanto investigadora, uma segunda “memória” sobre todos os acontecimentos, mesmo os que à primeira vista me pareceram desinteressantes e sem conteúdo pragmático. Depois de lido e revisto com a devida distância o memorando resultou num trabalho de relevante interesse.

Foi também um amigo que durante as noites geladas e num quarto sem qualquer tipo de conforto me acompanhou.

O relato da festa do Entrudo, escrito no quarto da pensão, resultou numa evasão física psicológica e ajudou-me a passar aqueles dias em que me senti tão só.

Este “memorando” possibilitou a utilização de uma escrita adjectivada que resultou num texto “romanceado”, um texto rico em emoções, com alma, que poderá mostrar muito mais da minha própria personalidade. Trará definitivamente maior simplicidade e entendimento de todo o processo vivido e estudado em Lazarim a todos os que o lerem.

O “memorando”, é a soma de cada observação feita no campo de investigação, orientou e facilitou todo um processo trabalho.

O resultado desta forma de trabalho foi a possibilidade de descrever com rigor as pessoas, objectos, lugares, acontecimentos, actividades e conversas, assim como registar ideias, estratégias e reflexões.

“O objectivo é captar uma fatia da vida.” (Bogdan R. & Biklen S., 1994: 152.)

No trabalho a seguir apresentado tentei seguir os critérios propostos por Robert Bogdan e Sari Biklen no seu livro “Investigação Qualitativa em educação”:

1. Retratos dos sujeitos
2. Reconstrução do dialogo
3. Descrição do espaço fisico
4. Relatos de acontecimentos particulares
5. Descrição de actividades
6. O comportamento do observador.

Sexta-feira, 20 de Fevereiro: “A Chegada”

Ceguei a Lamego no dia 20 de Fevereiro por volta das 13h. O primeiro local onde me dirigi foi à Pensão “Julinha”, onde tinha uma reserva de um quarto combinada por telefone uns dias antes. A Da. Hortênsia, dona da Pensão, já havia preparado o quarto. Tive que esperar algum tempo antes de me acomodar; estava na hora do almoço, havia muita gente e ela andava numa azáfama a servir os clientes. A sua empregada tinha o filho doente e não tinha ido trabalhar. Duas raparigas gémeas, ex-emigrantes em França, iam ajudando no que podiam; eram hóspedes, estavam a viver na pensão e a completar os seus estudos na Escola Superior de Educação. As gémeas, Cecília e Júlia de seus nomes, foram de especial relevo durante a fase do trabalho de campo.

O tempo foi passando até que Hortênsia lá me foi mostrar o quarto onde iria ficar nos próximos dias. Era um quarto pequeno, a cama encontrava-se junto à parede e tinha uma mesinha de cabeceira e uma cadeira. Em frente à cama havia uma janela com cortinado que teimava em fugir do varão. Da janela via-se uma belíssima Igreja e ao fundo os montes que escondiam Lazarim.

Foi este o quarto onde dormi durante cinco noites e onde senti o maior frio da minha vida tendo, por isso, dormido vestida durante todo o tempo que permaneci em Lazarim. As temperaturas rondavam os 0 graus centígrados não existindo nesta pensão nenhuma forma de aquecimento.

Nesse mesmo dia depois de arrumar todos os objectos de que me fazia acompanhar, máquina de fotografar, máquina de filmar, mala de viagem e mala de trabalho, fui ter com a Hortênsia que fez questão de me apresentar as irmãs que lá estavam hospedadas.

Depois de apresentadas e de se inteirarem sobre o propósito da minha estadia mostraram-se prestáveis para me ajudarem.

Sáímos minutos depois. As irmãs resolveram ir à escola que frequentavam ver se conseguiam falar com um professor que, do ponto de vista delas, poderia

ser muito útil para o meu trabalho; o Dr. David Carvalho, professor de Artes Performativas.

O Dr. David não se encontrava mas a Directora da Escola deu autorização para lhe telefonarmos. Telefonei. Era uma pessoa bastante simpática um verdadeiro homem do Teatro, um excelente conversador que falou e falou.

Depois de um longo monólogo deu-me o contacto de um amigo que trabalhava na Câmara Municipal de Lamego e possuía vasta bibliografia sobre o tema “Máscara”. Caso precisasse tinha permissão para o procurar.

Agradei e apressei-me a ir à Câmara não fosse chegar tarde e já estar fechada. Estava aberta, a sorte parecia estar do meu lado.

Depois de duas tentativas junto do recepcionista para falar com o amigo do Dr. David, homem muito atarefado, lá consegui chegar à fala com ele. O senhor em causa deixou a reunião em que se encontrava, recebeu-me e, a pedido do Dr. David, entregou-me o tão desejado livro.

Deixei o local despedindo-me das irmãs que ficaram a ver um desfile de Carnaval junto à Câmara Municipal dos meninos da Pré escola onde elas estagiavam.

Resolvi, ainda, ir à vila de Lazarim fazer o reconhecimento da vila onde iria desenvolver o meu trabalho. Precisava de sentir, de observar de perto, saber exactamente com o que contava.

Fui andando até ver a placa Lalim, aldeia “paredes-meias” com Lazarim. Entrei bem devagar. A estrada era estreita mas bem alcatroada. O frio cada vez apertava mais. A paisagem era belíssima com muito arvoredo a acompanhar ambos os lados da estrada. Mesmo a chegar a Lazarim vislumbrei um riacho de água tão transparente que, mesmo vendo de longe, conseguia-se adivinhar o fundo.

Ao chegar senti-me como se estivesse no fundo de uma “tigela”. A Vila de Lazarim lá se encontrava rodeada de montes de tons esverdeados, amarelos, rosados e cheirava a lenha queimada.

Estava mesmo no meio de uma praceta quando vejo um palco com algumas pessoas a trabalhar com grande dinamismo e felicidade estampada no rosto. Aproximei-me de um homem de estatura baixa, calvo, em camisola interior branca que agarrava furiosamente nuns cabos eléctricos que tinham que passar pelo parapeito das casas até chegarem ao palco para o iluminarem, palco este que

viria a ser o local onde se iria realizar a leitura dos testamentos, a dança dos ranchos folclóricos e a entrega de prémios para a melhor fantasia de Carnaval.

A este homem perguntei onde era a Junta de Freguesia pois precisava de encontrar pessoas que me informassem sobre Lazarim e o seu Carnaval.

O senhor de quem até então desconhecia a identidade respondeu-me apressadamente: - Mesmo aqui em frente!

Fiquei baralhada, o que eu via no pequeno edifício era uma placa que dizia Infantário e Centro de Saúde; olhei melhor e realmente o homem tinha razão, o edifício albergava estas três instituições. Aproveitei para perguntar se me poderia informar quem era o Presidente da Junta.

- Sou eu! _ Respondeu, com um olhar tão doce e uma tal simplicidade, que corei.

O próprio Presidente da Junta andava a trabalhar e dizia, com o seu ar tímido, que tinha que dar o exemplo a todos os que participavam activamente naquela labuta. Pedi autorização para tirar algumas fotografias; a resposta foi imediata e positiva, mas senti no Sr. Presidente, de seu nome Norberto Carvalho, um certo “mal-estar” devido à presença da máquina que perseguia todos os seus movimentos. (Senti-me uma intrusa e parei.).

(Comentário: Quando se estuda um “campo desconhecido” é normal este sentimento de intromissão quando se estuda um “campo desconhecido” é normal mas penoso, os códigos linguísticos e os códigos de conduta são normalmente distintos dos que estamos habituados por isso o nosso interesse no estudo. Quem faz este tipo de trabalho de investigação, em que tem que lidar com o “ser humano” tem um sentimento bipolar, por um lado um certo mal estar por se sentir constantemente “a mais” e “persona no grata”, por outro lado um sentimento de total recompensa quando se consegue penetrar num mundo desconhecido e se é aceite por aquele grupo de pessoas diferentes nos seus costumes e hábitos dos nossos. Enquanto investigadora acabou por ser gratificante porque num curto prazo de tempo os próprios habitantes da vila integraram-me no grupo como fazendo parte dele, o início foi o mais complicado mas fez-me pensar e lembrar o que tinha lido e estudado sobre os primeiros dias no campo de investigação, Rosalie Wax é uma distinta investigadora

qualitativa no campo da educação e refere a propósito da observação participante em geral: “Uma pessoa que não consegue suportar sentir-se atrapalhada ou deslocada, que se sente esmagada sempre que comete um erro – embaraçoso ou não -, que não é psicologicamente capaz de ser, ou ser tratada como parva, não apenas por um dia ou uma semana, mas durante meses sem conta, deverá pensar duas vezes antes de decidir ser um observador participante” (Wax, 1971, p.370). Bogdan & Biklen (1994), também afirmam: “Ser um investigador qualitativo é como aprender a desempenhar um qualquer papel na sociedade. Não é só preciso aprender os aspectos técnicos da forma como deve proceder, como também é preciso sentir que esse papel é autêntico e que se ajusta a si”)

Tirei algumas fotografias ao Sr. Presidente da Junta de Freguesia de Lazarim, e do palco que estava a ser preparado para o dia da festa.

Expliquei-lhe, com detalhe, o meu propósito acerca da minha ida a Lazarim e perguntei-lhe se o poderia entrevistar. Respondeu da forma que a sua timidez permitia, que sim, mas não naquele dia, com tantos preparativos ainda por fazer. Acabou por dizer que no dia seguinte, sábado, talvez tudo estivesse mais calmo e aí daria a “tão esperada” entrevista para o meu trabalho (andei nesta “caça” à entrevista nos cinco dias que por lá passei, tal era a timidez e os afazeres do senhor Presidente). A minha tarefa começava a transformar-se numa missão impossível.

Consegui a entrevista meses mais tarde quando lá voltei no dia 20 de Junho.

Resolvi então explorar aquela que seria a “Vilinha” mais visitada nos próximos dias por “Forasteiros” e pessoas dos arredores.

A vila é pequena. Em algumas passadas percorre-se todo o espaço habitacional, tudo o resto é monte e campos. No centro da vila há um cruzeiro onde outrora existiu o pelourinho, em frente está montado o palco e do lado direito encontra-se a casa do Sr. Padre paredes-meias com a Casa da Câmara, construída em granito e já em ruínas. Em frente uma bela fonte oitocentista. Atravessando uma rua com um metro de largura acha-se o edifício da Junta de Freguesia, Centro de Saúde, Creche e Infantário, um espaço “Polivalente”.

Na vila existem três cafés, uma mercearia, e uma escola com telescola onde três professores leccionam cerca de 13 alunos do primeiro e segundo ciclos. A escola funciona da parte da manhã com o primeiro ciclo; uma professora é responsável por quatro alunos, o número total de alunos do primeiro ciclo. Da parte da tarde a escola funciona como telescola onde quinto e sexto anos são divididos em duas salas. Quatro alunos numa das salas e cinco na outra, com um professor por sala.

As casas são em granito, algumas tem alpendres onde casais de “velhinhos” descansam olhando a agitação não normal dos preparativos para a grande festa. Por baixo das casas vêem-se uns portais em madeira queimada pelo sol onde se alojam os animais que ainda restam. Existem muitas eiras onde guardam o milho que ainda hoje é rei. Bem ao fundo de uma estreita rua fica o tanque comunitário onde mulheres lavam a roupa; a água corre desvairada e é tão límpida que apetece provar.

Por sugestão do Sr. Presidente dirigi-me a um café para perguntar se a proprietária poderia preparar-me uma refeição para o dia seguinte. Tinha que ter a certeza que nada iria prejudicar o meu trabalho, e ficar sem almoço seria péssimo para o meu rendimento, (como não existia restaurante tinha que improvisar).

A dona do café (hoje minha amiga) desconfiada lá aceitou cozinhar para mim no dia seguinte.

Regressei a casa, o dia tinha sido longo e eu tinha que descansar para voltar no dia seguinte.

Na pensão, como já referi, sentia-se um frio de cortar. Antes de me deitar ainda troquei algumas palavras com as irmãs e com os meus anfitriões. Recolhi ao meu quarto pouco depois de jantar para ler o livro que o Sr. da Câmara de Lamego me tinha oferecido. Queria estar devidamente documentada para me sentir mais familiarizada com todo o processo da Festa de Carnaval da vila de Lazarim.

Sábado, 21 de Fevereiro: Reconhecimento da Vila

Acordei cedo, fazia muito frio, tentei tomar o meu primeiro e único banho mas gelei, foi um banho curto. Com o pequeno-almoço tomado e as máquinas preparadas meti pés ao caminho.

A viagem até Lazarim parece mágica, tem algo de maravilhoso. São doze quilómetros de deleite, quer pelos aromas que vão entrando pelos frisos do automóvel até chegar às narinas quer pela paleta cromática que a paisagem apresenta, quer ainda pelas casinhas de arquitectura rural com linhas tão particulares que deixam a nossa alma impregnada de felicidade por constatar que ainda existem espaços com tanta pureza e respeito pelo ambiente onde o nosso olhar pode “descansar tranquilamente”.

Em Lazarim os preparativos continuavam. Fui à procura do Sr. Norberto, o Presidente da Junta. As gentes daquela terra informaram-me de que o Sr. Presidente estava para chegar. Aproveitei e fui conversando com cada um deles “a um jeito” simples e familiar, para que não se sentissem pressionados com a “entrevista”. A minha grande preocupação era obter a maior quantidade de informação sobre a festa de Carnaval a fim de fazer um estudo analítico sobre como era o dia do Entrudo de há uns anos atrás e as alterações que têm vindo a sofrer, precisava de perceber a sua envolvente, a importância para os “filhos da terra”, a importância para aqueles que por necessidade tiveram que emigrar mas que voltam sempre por esta altura para participar na festa de Carnaval, e de que forma as crianças da terra vêem este evento, evento que para a população da vila é o mais importante da região.

Com todas as entrevistas possíveis feitas, mais um dia se passou. Regressei ao cair da tarde. O trabalho tinha sido enriquecedor, estava documentada o necessário para saber como deveria proceder no dia da procissão (Domingo 22 de Fevereiro). Apesar de o Sr. Presidente não ter tido a possibilidade de estar comigo, tal era a sua preocupação com os preparos finais tive o privilégio de conhecer mais profundamente a personalidade e o carácter dos “Lazarinenses” e de conviver mais de perto com estes homens. Tomei café com alguns, sentei-me na mesa doutros, no café trocava-se conversa de mesa para

mesa, todos partilhavam ideias, os mais velhos discutiam como era o Carnaval nos “seus velhos tempos” e no que se tinha transformado. Críticas, risos, lamentos eram “esboçados” por aquelas pessoas que se iam tornando minhas amigas. Os seus rostos mostravam os traços da vida, percursos árduos que alguns tiveram que percorrer, outros simplesmente as “rugas da idade”. Reparei num pormenor que achei curioso, mas não de relevo, porque não posso provar a minha teoria - os homens da vila tinham todos uma estatura muito baixa. Não que este detalhe tenha alguma importância, mas achei engraçado que numa pequeniníssima vila uns homens felizes e pequenos se encontrassem diariamente num dos três cafés para beberem, confraternizarem e matarem o tempo naquele lugar perdido do planeta. Senti um certo encantamento no local escolhido para o meu trabalho como se fosse um local mágico.

Outra curiosidade: todos se conhecem, quase todos são da mesma família ou existe sempre um grau de parentesco entre eles, e todos se tratam por “Tio Chico ou Tio José...”, para mim foi uma revelação talvez por ser uma mulher cidadina sem nenhuma ligação a um meio desta natureza.

Destes Homens há quem tenha emigrado, primeiro para o Brasil e depois para a França como forma de melhorar a sua situação económica.

São poucos os que hoje vivem da agricultura; ou emigram ou vão trabalhar para Lisboa, para o Porto, para Lamego ou para qualquer outra grande cidade que lhes garanta o sustento. As pessoas que vivem na Vila de Lazarim são quase todas reformadas com excepção dos donos dos cafés e da padaria; esta última não teve oportunidade de conhecer por falta de tempo, sei que pertence à família do Presidente da Junta.

(Comentário: Sobre a emigração apraz-me dizer que estes homens que um dia deixaram a sua pátria à procura de uma nova realidade a “Qualidade de Vida” nunca se desenquadraram dos seus costumes, regressam sempre por esta altura para assistir ao que há de melhor na sua vila o “Carnaval”. O Carnaval que durante toda a sua estadia por estes “ventos” é objecto de divertimento e de grande orgulho para os filhos da terra.

A emigração deixou a vila mais desertificada e com uma faixa populacional envelhecida. A modificação das realidades económicas, a modificação da estrutura da propriedade e a significativa mudança do seu funcionamento bem como o enorme “boom” económico na Europa e a grande diferença de níveis de vida apar da ameaça da guerra colonial provoca um aumento exponencial do surto migratório dos homens mais novos que abalam, desta feita, principalmente para a Europa (França/Alemanha) deixando os mais idosos com todas as tarefas rurais. Estes homens e mulheres cansados pelo peso da idade vão-se desligando da terra e hoje cada vez menos existem “gentes” a viver da agricultura. A batata e o milho que ainda semeiam ou os animais que vão criando destinam-se quase que exclusivamente para auto-subsistência.

Outros emigrantes vieram para ficar, sempre fizeram alguma “riqueza” mas não voltaram para a agricultura, abriram pequenas casas comerciais sendo exemplo os cafés de Lazarim. É curioso que mesmo estes ex-emigrantes que regressarem à sua terra natal, depois de terem vivido em países desenvolvidos onde existe uma enorme oferta de todo o tipo de eventos, diversões, e mesmo de instituições necessárias ao bom funcionamento de uma população, se reintegraram tão bem numa pequena povoação onde existem enormes carências a nível geral, e que por isso mesmo um dia a haviam deixado.

Há uma diferença notória entre as duas primeiras gerações de emigrantes e a terceira.

A primeira, analfabeta tosca troglodita, nunca se integrou e muito menos se assimilou e só pensava em regressar e mostrar o resultado do seu sucesso (veja-se as “maisons” que campeiam por esse país fora. È a lenda do Zé-ninguem que sai do país com uma mão à frente e a outra atrás e regressa com um imenso carro e os bolsos cheios.

A segunda, já com algumas letras, constitui algum grau de integração mas mantinha, grosso modo, o desejo da primeira.

Quer uma quer outra geração apesar dos diferentes graus de integração (a primeira nunca aprendeu a língua e a segunda fala-a mal) vivem nos países de destino (França) fechadas dentro de si próprias. Dificilmente convivem fora das suas colectividades e não participam da vida e dos interesses do país de acolhimento. Exemplo disto os casamentos que na sua esmagadora maioria são feitos com concidadãos.

A terceira geração não só está completamente integrada mas também assimilada. Esta geração estuda no país de acolhimento, já participa dos seus interesses cívicos, políticos, etc. Domina muitas vezes melhor a língua desse país do que o português, casa e tem filhos e dificilmente retornará ao torrão Natal a não ser numas férias para conhecer a terra dos pais.

Assim, sem sangue novo, dificilmente as tradições populares se manterão quando muito serão substituídas por novos valores.

Domingo, 22 de Fevereiro: Dia da Procissão

A praça já estava arranjada. As vendedoras chegam bem cedo para encontrarem o melhor lugar para montar a mesa para a venda dos seus produtos. As senhoras já se encontram a postos para venderem a doçaria tradicional.

Conheci e pude provar o bolo tradicional daquela festa, o chamado “pito” que deve o seu nome à sua forma de galinha. As vendedoras brincam com o nome aproveitando para seduzir o cliente a comprar. O bolo é feito de farinha e azeite com um corante amarelado. No interior da barriga da galinha tem uma amêndoa enorme e para fazer o pescoço do “pito” utilizam um palito, conseguindo assim dar-lhe a forma de galinha. O sabor é amargo mas as vendedoras lá vão vendendo os bolos com êxito.

Fui directamente ao “meu” café para almoçar, a senhora já me esperava. Fez para o almoço carne assada. Confessou-me que a carne era de um animal criado por ela, eu sabia que isso era proibido, mas estava ansiosa por experimentar o pitéu. A senhora apregoava sempre que podia que a carne era de “primeira” e realmente era uma delícia. Tive um almoço de rainha que custou a módica quantia de cinco euros, isto porque fiz questão de pagar; a senhora não queria receber nada por aquele manjar. Quando acabei o almoço ainda era cedo para o desfile que estava previsto começar às três e meia.

O dia estava tão frio que os montes em redor estavam cobertos de neve.

A filha da dona do café, a Ana Bela Spínola, tinha chegado de Lisboa nessa manhã. Era uma mulher de trinta e um anos, casada com um Açoriano e com dois filhos. Esta família vivia em Lisboa mas vinha sempre à terra pelos festejos de Carnaval; aproveitavam para visitar a família, os donos do café que já não eram novos, a avó, que eu adoptei como minha avó e o avô que estava de cama e que infelizmente faleceu quando eu regresssei a vinte e dois de Maio.

Era uma família extremamente simpática. A Ana, uma mulher muito despachada, moderna e inteligente, o marido bastante pacato, o filho deste casal era bastante independente e estava fantasiado de Zorro a brincar sozinho, a filha era carinhosa, não me largava e queria fazer desenhos e conversar. Mas de quem eu mais gostei foi da avó, era uma delícia de pessoa, prestável, não queria de maneira alguma que eu apanhasse frio e queria conversar.

Ana Bela chamou as crianças para se vestirem explicou que iam com o avô e a Bisavó ver a neve ao cimo do monte. A bisavó (minha avó adoptada por mim) convidou-me para o passeio. É claro que eu não queria incomodar a confraternização daquela família, mas a insistência foi tão grande que acabei por aceitar.

Foi muito agradável. Eu vestia um pijama, calças de fazenda, três camisolas, um blusão de neve, luvas e um gorro e ainda assim sentia o frio que fazia. Neste passeio o frio até me agradava. Construámos um boneco de neve, atiramos bolas uns aos outros, tiramos fotografias. Toda a família se divertiu. Neste passeio todos fizeram questão de me tratar como se eu também pertencesse à família. Senti-me muito bem e feliz.

Estava quase na hora de começar a procissão. Tivemos que regressar.

Chegados à vila, todos se despediram de mim calorosamente. Eles foram trajar-se para participarem no cortejo.

Fui apressadamente para o coreto situado no cimo de um monte a um quilómetro do centro da Praça, mesmo ao lado de uma Igreja” oitocentista, a Igreja da Vila de Lazarim onde a procissão iria ter início.

Fui acompanhada até lá acima por alguns elementos da banda que enquanto subiam a estrada iam afinando os instrumentos atirando umas notas musicais para alegrar aquele dia tão cinzento e chuvoso enquanto chamavam os aldeões para dar início à procissão. Esta banda constituída em 1977 tem por hábito apresentar todos os anos diferentes reportórios. Para este acontecimento ensaiam

três músicas com quinze dias de antecedência, outras vezes com um pouco mais de tempo, cerca de um mês. Existem mulheres e homens, filhos da terra, que acompanham a banda durante a procissão com cantares; estas pessoas umas vezes ensaiam no próprio dia, (foi o que aconteceu) outras vezes improvisam. A banda ouve as vozes e dá o tom. Mediante a melodia das canções os cantores só tem que acompanhar e ir improvisando.

O Sr. Jaime, o Maestro, confessou que tem normalmente o cuidado de, com a antecedência possível, ir a casa do grupo que vai cantar ouvir o timbre para poder elaborar a música. Quando não tem tempo para isso pede uma cassette para poder ensaiar com a banda.

Quando cheguei junto dos coretos deparei com um grupo de rapazes que pelo traje pertenciam ao grupo dos bombeiros voluntários, e se protegiam da chuva num dos coretos. Enquanto esperavam faziam uma enorme algazarra com os tambores que viriam a transportar estrada a baixo enquanto virilmente os tocavam. No outro coreto encontrava-se um grupo mais heterogéneo em idade e género, eram os músicos da banda; estes tocavam trombones clarinetes, saxofones entre outros instrumentos de sopro. Mais ao fundo, por baixo dos beirais da Igreja, viam-se músicos da banda, homens dos tambores. Todos os que se encontravam naquele local tentavam abrigar-se da chuva que teimava em não parar.

Manchas de guarda-chuvas avistavam-se, em pequenos grupos, dispersos por aqui e por ali, à espera que a festa começasse. Na estrada iam-se formando os grupos que iriam participar. Algumas carrinhas e camionetas (meio de transporte utilizado pelos foliões) estavam estacionadas por ali (umas tinham letras tão grandes coladas que se conseguia ler à distância “Junta de Freguesia de Cepões”).

Pela rua acima já se viam as crianças em posição para o desfile vestidas aprumadamente com trajes carnavalescos que faziam lembrar a passerelle Brasileira. Tecidos finíssimos: Cetins, licras, tules, lantejoulas, penas; cores berrantes cobriam os corpos gelados daquelas crianças.

Resguardei-me num coreto, junto à banda, para me abrigar da chuva. Enquanto ia ouvindo daqui e dali, fui filmando e esperando. Cheguei a permanecer no mesmo sítio cerca de uma hora. Mesmo por baixo encontrava-se um pequeno grupo de cinco ou seis músicos com uma senhora a ensaiar o cântico que iria cantar durante a procissão, parecia correr bem, mas a música repetiu-se pelo menos umas dez vezes. Já a uns metros mas ainda dentro do meu alcance

auditivo presenciei um segundo grupo parecido com o que acabei de referir com a diferença que nada parecia correr bem, cada um tocava para o seu lado, a voz fugia por outro caminho e ouvia-se uma senhora aos berros constantemente que dizia “assim não pode ser Sr. Jaime”. Não cheguei a perceber se tinha a ver com a música mal casada com a voz ou se por estarem a demorar tanto tempo e a procissão nunca mais ter hora para começar enquanto as crianças gelavam.

Ouvi um enorme estrondo “nos Céus”, olhei. Bem ao meu lado, entre os dois coretos, três rapazes que aparentavam ter uns dezasseis anos lançavam foguetes. Um ia buscar o foguete, um segundo agarrava-o no foguete e o terceiro acendia o pavio. Era a hora de anunciar o início da festa. Lentamente pessoas de todas as idades que se encontravam nos coretos com maior ou menor facilidade saltavam dali para baixo e juntavam-se aqueles que já se encontravam prontos para iniciar o desfile.

Um pequeno camião bem decorado com flores do campo, umas amarelas e outras esverdeadas, transportava três senhoras de idade a confeccionar pão durante todo o percurso.

Dentro do camião existe um pequeno forno a lenha. Aquelas chamas, em tons amarelos e vermelhos, parecem aquecer o ambiente, é bonito de ver e bom de sentir. Vê-se uma pá em madeira que tem a função de colocar o pão dentro do forno, e ao lado, tudo muito apertado mas organizado, um regador. Em cima de uma pequena tábua tem farinha, uma peneira e algum pão já amassado. As três senhoras vão labutando sem sentir o frio. Os seus trajes são de mulher do campo, vestem uma saia de roda, usam um avental por cima da saia, vestem uma camisa com casaco de lã para agasalhar e um xaile por cima, as meias são pretas ou brancas, calçam tamancos nos pés e um lenço na cabeça. Este camião tem uma placa que diz “Lugar da Vila”.

A música ia tocando, instala-se a confusão, ouve-se uma voz que diz “embora, embora”, as crianças trocam gargalhadas, conversam enquanto com pequenos guarda-chuvas se vão abrigando da chuva. Como por magia sai o primeiro grupo bem formado pela rua abaixo. São cerca de vinte homens, adultos, vestidos de camisa vermelha e calça preta; todos eles tocam em grandes tambores e são seguidos por um grupo mais reduzido, com cerca de dez elementos, todos vestidos de igual forma, tocando o mesmo instrumento. Este grupo é bastante mais jovem, tem entre os seis anos e os dezasseis. Segue-se-lhes o camião que

transporta as padeiras. Logo depois um grupo de cerca de vinte crianças com figurinos em cores rosa e prateado. O vestido comprido, beija o chão, mas os braços vão descobertos. Algumas das crianças têm blusões vestidos para se protegerem do frio, outras vão suportando aquele frio que faz enregelar os músculos para melhor poderem mostrar o seu traje. As mães vão gritando pelo caminho apelando para que as suas crianças não se mexam para não estragarem o figurino. Os miúdos ora dançam ora param. A seguir ao grupo das crianças vestidas em cores rosa e prateado vem o pequeno grupo de cinco pessoas com cantares que ensaiaram mesmo por baixo do coreto cinco minutos antes do desfile começar acompanhados por metade da banda. Os cantores desafinam, um dos homens do grupo apenas mexia os lábios como se tivesse aprendido bem a lição.

Agora era a vez do segundo grupo de crianças; estas vestiam de cor amarela, verde e prateada. A menina mais pequenina, com uns cinco anos aproximadamente, trazia na mão uma tabuleta a dizer “Padrão”. Este grupo com aproximadamente vinte crianças, embora bem formado não iniciava o desfile porque a banda que os acompanhava teimava em discutir em vez de tocar. Os meninos já estavam impacientes, a chuva continuava, os adultos gritavam com as crianças que por sua vez se queixavam da música não começar, até que por fim rompe um som no ar e lá começa o segundo grupo a cantar acompanhado pelo resto da banda. Vê-se o Maestro a falar com um dos músicos que pára rapidamente de tocar para poder responder. As crianças começam a dançar. Poucos segundos passados pára a música e um dos rapazitos pergunta se está ali para dançar ou para andar. Ouvem-se gargalhadas, a música recomeça e todo o grupo rapidamente se recompõem e vai descendo alegremente a estrada muito lentamente ao som da marcha e dos cânticos. O público vai-se agrupando ao longo da estrada por baixo dos beirais das casas para se abrigar da chuva e observar a procissão. A maior parte do público são os próprios habitantes da vila, ao todo, desde o princípio da estrada até ao fim do percurso da procissão, talvez se encontrem aproximadamente umas cem pessoas. O rancho já está pronto para a marcha, lá estão homens e mulheres trajados a rigor, elas vestem saias rodadas com saiotes a espreitar, meias de renda branca, socos, aventais, camisas folheadas, xailes, lenços na cabeça. Umhas mulheres trajam ricos fatos, outras vestem trajas pobres, umas usam trajas de passeio e outras de trabalho. O mesmo acontecia com os homens, as suas vestes eram compostas por chapéu, colete, camisa, calça e

socos. Nas mãos, levavam ancinhos, cajados e outros objectos de trabalhar o campo. Já elas levavam cestinhos com castanhas, queijos frescos, legumes. Depois havia os músicos que levavam as violas, os acordeões entre outros instrumentos. Os cânticos relacionavam-se com o trabalho do campo. Este grupo ia alinhado, afinado, bem ensaiado. A rapariga que se encontrava mesmo na frente levava uma placa com o nome “Grupo de Danças e Cantares Avões Ada Lamego”.

Seguia-se-lhes o grupo de majóretes da fanfarra dos bombeiros de Lamego. As majóretes vestiam saias às pregas azul-marinho, camisola da mesma cor, meia azul-bebé, camisa branca e usavam gravata. Calçavam botim branco e usavam uns chapéus em forma de barco, também azuis. Na mão levavam uma pena comprida, vermelha. Os rapazes atrás davam o ritmo com o toque de tambor e pratos. Eles faziam parte do mesmo grupo, as suas roupas eram da mesma cor, não usavam gravata e alguns na cabeça usavam perucas. Ainda do mesmo grupo vinham mais atrás as crianças da fanfarra; estes meninos tocavam trompete e vestiam exactamente o mesmo que o grupo de jovens mais velhos vestia, com a diferença de que na cabeça levavam umas penas que faziam lembrar os índios. A fanfarra tem cerca de cinquenta figurantes. É a fanfarra do “Grupo de Cantares de Lamego”. É o último grupo a sair da Igreja.

Lá fomos todos por ali abaixo em passo de marcha bem ritmado. Ao passar por entre as pessoas ouvem-se alguns comentários, risos, mas poucos. Por entre o público lá se vai vendo uma ou outra pessoa adulta fantasiada e algumas crianças. Que eu tivesse visto só a dona Isaura, a dona do café onde eu almoçava, e os seus netos é que trajavam uma fantasia de Carnaval.

O percurso levou cerca de quarenta e cinco minutos a percorrer, um quilómetro até chegar à entrada da praça chamada o Largo do Padrão.

Ao chegar à entrada do Largo do Padrão todos os foliões iam parando para aguardar que o último grupo chegasse. As crianças que vestiam cores rosa e prateado foram as primeiras a chegar, lá continuavam a cantar as suas canções alusivas ao Carnaval. Os seus rostos tinham perdido as cores com o frio que fazia e mesmo a expressão tornara-se triste (não vi um único sorriso), os cabelos molhados e as pontas dos dedos roxas eram a prova da sua infelicidade. Não era para admirar, os braços das meninas estavam desnudados e as temperaturas que se faziam sentir eram francamente baixas, bastava olhar para os espectadores

vestidos para um Inverno rigoroso com sobretudos, camisolões, cachecóis, e chapéus.

Alguns exclamavam “que frio”.

Ao entrar na recta final as vozes afinam-se, todos querem parecer bem. Vê-se uma velhinha a proteger a sua neta com um guarda-chuva. A menina tocava flauta na banda e a sua pauta estava a ficar um pouco enrugada por causa da chuva. Por entre as janelas vêem-se famílias a espreitar a procissão. Entre os foliões um ou outro faz a festa, vai dançando, cantando e até metendo-se com as meninas da marcha. A maior parte dos espectadores está estática a observar.

E uns atrás dos outros lá iam chegando. Quem aqueceu mais o público foi o rancho folclórico. Mal chegou à entrada da praça enquanto uns esperavam pelos outros este grupo resolveu dançar. A música escolhida pelo rancho foi o “Malhão”. O público conhecia bem a letra. Em unísono todos cantavam e batiam palmas enquanto viam o rancho a dançar. Os tambores vão chegando dando o ritmo às majorettes e acordando os foliões, que até à altura do rancho pareciam estar congelados. Instala-se a festa, alguns homens do público entusiasma-se, sente-se a temperatura a aumentar. Por fim o público que se encontrava nas bermas da rua passa a ocupar o último lugar na procissão e segue ao compasso da música até ao final do cortejo durante os metros que faltam percorrer até chegar à praça.

Já na praça, em cima do palco mesmo em frente do cruzeiro, o rancho dança e canta alegremente. As pessoas agora mais apertadas entre si devido ao pouco espaço existente vão-se mexendo ao som dos cantares enquanto a noite cai.

(Comentário: Em relação a este dia, “dia da procissão”, senti-me um pouco desapontada, tinha criado algumas expectativas que não corresponderam minimamente aquela que era a festa da procissão. Vim a constatar por entrevistas feitas à posteriori que nem os aldeões acham muita graça a esta procissão. Esta procissão tem um valor maior para as crianças que se querem vestir a parecer-se com os “Carnavais Brasileiros” que é o que vêem hoje em dia nas televisões, e para as suas famílias, porque vêem as suas meninas a desfilar com belos trajes.

Do meu ponto de vista, penso que a entrada da comunicação social, nestes meios mais rurais poder ao longo dos tempos, quebrar uma tradição tão rica em

costumes e tão popular, como é a prática Carnavalesca de Lazarim, contaminando o Carnaval deste lugar através da imagem, trazendo uma nova estética carnavalesca sem nenhum tipo de raiz entre as gentes de Lazarim.

Os mais novos vão aderindo às novas solicitações de estilo, os velhos cada vez são menos na vila e assim, pode dar-se a decomposição de um dos Carnavais mais Português de Portugal. Veja-se por exemplo, jornais de grande destaque, como sendo o jornal "O Público", datado de 21 de Fevereiro de 2004, num artigo intitulado "Curiosidades do Carnaval", escreveu:

"As festas carnavalescas que se comemoram hoje um pouco por toda a parte, e que têm em Nice (França), Veneza (Itália), Rio de Janeiro, Salvador da Bahia (Brasil), Nova Orleães (Estados Unidos da América), Colónia (Alemanha), e, entre nós a Madeira, alguns dos seus pontos cardeais não são mais do que reminiscências das festas dionisíacas da Grécia Antiga..."

Se verificarmos, este jornalista refere-se exclusivamente a festas com projecção internacional. Festas em que se avalia a riqueza dos trajes e a beleza dos corpos. É necessário e urgente haver instituições que preservem e acarinhem mais estas práticas, embora já existam, tornam-se poucas para a natureza do assunto, temos o Centro Regional de Artes Tradicionais do Porto, que protege artesãos e os costumes de uma determinada região e em Bragança, com a ajuda da Câmara de Bragança e do Sr. Presidente, a luta pela protecção dos artesãos de máscaras do conselho e arredores. O Carnaval é uma prática isolada e distinta que não tem directamente nenhum apoio ou protecção.

Embora existam pelo mundo fora Carnavais semelhantes ao Carnaval de Lazarim e com destaque nos meios de comunicação social como é o caso do Carnaval de Solsona, na Catalunha. È uma cidade pequena com cerca de 7000 habitantes. Os habitantes não andam mascarados (só no baile de máscaras), vestem batas, conforme a "comparsa" (associação carnavalesca) a que pertencem, há uma comparsa formada só por mulheres e que tem o nome "As Galinhas". Tal como no Carnaval de Lazarim também este foi proibido pelo Presidente Franco. Os "Solsonenses" começaram a usar as batas dos lojistas da época, para disfarçar as suas comemorações. Também nesta terra se faz o dia da procissão e na noite seguinte o baile de máscaras. Na noite do baile de máscaras uma das "comparsas" serve comida aos foliões. Todavia esta notícia só

aconteceu pela “extravagância” de ainda existirem Carnavais tão “familiares” e tão “vestidos”, o que por dicotomia se torna numa raridade para os dias de hoje num meio citadino desenvolvido.

Vivemos numa época em que sem dúvida a imagem tem uma grande importância, e embora as práticas carnavalescas reflectam a cultura de uma sociedade acabam por ser a sua riqueza, as tradições, os costumes que são valores reais de um povo, não encontra uma grande preocupação na sua preservação. Os órgãos de comunicação social vem interferir muitas vezes de uma forma negativa, porque só dão expressão e uma boa fatia de tempo de antena às notícias de “choque” dos Carnavais desnudados, com muita cor e riqueza que acontecem por esse mundo fora, não dando a devida importância aos Carnavais rurais à imagem de um povo secular.

Leia-se na notícia que saiu no jornal “Público” também de dia 21 de Fevereiro de 2004.

“A escola de samba Grande Rio aceitou alterar algumas das decorações dos carros alegóricos (...) Sob o tema “Vamos usar camisinhas, meu amor”, numa alusão à importância do uso do preservativo, o grupo tinha preparado um desfile em que sobressaíam duas figuras gigantes representando Adão e Eva a ter relações sexuais (...) Era óbvio que estávamos perante algo que tinha ultrapassado o erotismo e que estava já na fronteira da pornografia”, justificou o procurador Andrea Rodrigues Amin.

Concluo que existe a necessidade para o mediatismo, e quanto mais “chocante” mais imperativo para a notícia se torna. As tradições, os costumes ancestrais, são notícia para o “Noticiário Rural”, podemos perceber deste facto social que por analogia o “Carnaval Rural está para as Artes Populares (artesãos) assim como o Carnaval Citadino está para a Arte (eruditas). O Carnaval em geral é uma prática feita pelo povo para massas, e nunca para uma elite restrita, mas curiosamente pode-se dizer que o Carnaval Rural não é uma prática para elites mas para um meio muito restrito)

Quer ao nível plástico quer ao nível estético achei a procissão desorganizada, pouco autêntica e sem grande interesse para chamar turistas ou gentes de fora, mais parecendo uma cópia de Carnavais “abrasileirados” onde

predominam roupas reduzidas que pouco ou nada tem a ver com o ambiente gélido e com as tradições do Portugal profundo.

O que despertava maior atenção entre o povo era o grupo de folclore e as bandas que com as suas músicas populares, cantares, danças e animação alegravam quem assistia. Estes grupos fizeram as delícias da casa com as suas artes populares que tão bem se enquadravam no meio. È de comentar que a diferença de idades demarcava a “parede” entre os costumes que vem de fora da vila e as tradições que se mantêm. Como era de prever sãos os mais novos que aderem “às modinhas” que chegam àquela aldeia através dos meios de comunicação.

Mas este dia não tinha uma grande importância para o que viria a acontecer, e a que eu assisti, o grande dia do Entrudo.

Segunda-feira dia 22 de Fevereiro: A Entrevista

Desta vez resolvi almoçar por Lamego, quem me dera que isso não tivesse acontecido pois foi uma passagem algo desagradável. Almocei numa casa de pasto, tinha pouco apetite porque estava com uma amigdalite, andava a tomar um antibiótico, pedi uma sopa como refeição, a dona quase me insultou por não querer comer uma refeição completa. Foi uma passagem que prefiro esquecer mas que ilustra bem as diferenças entre as pessoas de Lamego e as de Lazarim. As de Lamego são mais materialistas, pouco generosas e muito preconceituosas ao contrário das de Lazarim, que são hospitaleiras, bondosas, prestáveis e altruístas.

Depois do almoço regressei ao meu foco de trabalho. Fui directamente à Junta de Freguesia ter com o presidente. Na junta existe um espólio de máscaras que fazem parte do museu do povo. Pedi autorização ao Sr. Presidente para as fotografar bem como às medalhas que viriam a ser os prémios para os melhores fantasiados do dia do Entrudo e se encontravam em cima da sua secretária. O concurso para melhor fantasia é a grande inovação do dia de Entrudo dos tempos actuais. Por causa do concurso e do prémio os foliões põem outros cuidados no rigor da confecção das suas fantasias que consistem na máscara e no figurino. Esta prática veio alterar bastante a espontaneidade que existia anteriormente, porém

não altera em nada a festa em si que continua a ser feita como há décadas atrás. Este relato será feito mais à frente.

Ainda na junta de freguesia quase que entrei em pânico, a minha máquina de filmar deixara de trabalhar. Eu, completamente leiga no assunto, cheguei a pensar que seria do frio que a máquina tinha apanhado no dia anterior e da chuva que a teria avariado e nada poderia ser feito para a arranjar.

Quando o presidente chegou à junta, encontrou-me desesperada com o problema da máquina. Sossegou-me, chamou o sobrinho que percebia bastante de “maquinaria”. Este rapaz, de uns vinte e oito anos, também pertencia à organização da festa.

Resolveu-me e bem o problema. Mais uma vez demonstraram a amabilidade que acima referi. Este incidente serviu, todavia, para conhecer a secretária do presidente que curiosamente é em simultâneo a recepcionista do centro de saúde, a empregada de limpeza e mais haja a fazer. É esta senhora a responsável pelo escritório do senhor presidente. Era também a mulher do artesão mais conhecido e mais famoso de Lazarim. O Sr. Adão.

Nessa tarde o Sr. Adão ia dar algumas entrevistas à SIC, à TVI e a um grupo de pessoas que estavam a elaborar um livro sobre a festa de Lazarim.

Perguntei se seria oportuno estar presente para poder fazer o meu trabalho. A resposta foi imediata e bem do meu agrado. Não só era oportuno como iria ser a primeira a falar com o artesão porque as entrevistas estavam marcadas para mais tarde e eu poderia ir naquele instante com a mulher do Sr. Adão directamente para sua casa onde ele se encontrava já preparado para ser entrevistado pela comunicação social.

Estava prestes a conhecer o artesão mais famoso da vila de Lazarim.

A entrevista com o Sr. Adão foi filmada e gravada e será transcrita na íntegra e colocada em anexo.

Depois da entrevista realizada que foi de extrema importância para o trabalho que estou a desenvolver, aquando do meu regresso a Lamego o destino fez das suas e cruzou-me com o padre da terra que era outro alvo que eu tinha como objectivo entrevistar.

Quando já tinha feito todas as despedidas e me preparava para regressar tinha o meu carro tapado por outro veículo cujo proprietário desconhecia. Como já tinha a experiência de que naquela vila todos se conheciam, resolvi tocar na

primeira porta que vi para perguntar quem era o proprietário daquele veículo. Tinha a certeza que quem atendesse à porta saberia informar-me a quem pertencia o automóvel. A porta não tinha qualquer batente, campainha ou objecto para poder chamar a atenção, parti para o óbvio, bati palmas e gritei “óh da casa”. Uma senhora dos seus cinquenta anos abriu a porta com um enorme sorriso, (todos por aquelas bandas já me conheciam e sabiam o que eu andava por lá a fazer). Isso simplificou-me o trabalho de ter que explicar tudo. A senhora respondeu-me apressadamente que o carro pertencia ao padre da paróquia, e que ele estava em casa naturalmente a jantar.

Fiquei um pouco nervosa porque percebi a minha transgressão, tinha tapado a entrada da casa do Sr. Padre e por isso ele colocou o carro mesmo colado ao meu para me dar um ralhe-te. Bati a medo. Era uma casa enorme. Ninguém respondia e eu estava cada vez mais nervosa com a situação. Ainda por cima o Sr. Padre era um importante alvo para o meu trabalho e eu tinha feito uma transgressão. Chegou à minha beira uma outra senhora que também tinha o mesmo problema. O seu carro também estava bloqueado pelo carro do Sr. Padre. Não conseguia sair porque tinha metade do carro do Sr. Padre a tapar a saída e o cruzeiro impedia-a do outro lado que ela fizesse a manobra. Esta Senhora chamava-se Maria, era de Lisboa, e também ela estava a escrever um artigo para um estudo.

No dia do Entrudo esta senhora foi convidada para júri do concurso das máscaras. Vim também a saber que como tinha sido ajudada pelo presidente para o seu trabalho ofereceu à junta um DVD.

Ela estava muito mais à vontade do que eu. Bateu com força à porta da casa do Padre e chamou-o destemidamente.

Por fim o Padre lá abriu a porta enorme da sua casa e apareceu com um leve sorriso.

Era um homem para os seus quarenta anos, com uma barriga bem avantajada. No início da conversa mesmo junto aos dois carros praguejou comigo. À outra senhora pouco disse e ela rapidamente foi-se embora, já se conheciam. Expliquei-lhe que quando ali cheguei não tinha o outro carro e por isso não tapava a sua entrada. E era verdade. Curiosidade das curiosidades. Penso que aquela conversa que o Sr. Padre teve comigo era por estar tão habituado a lidar com jovens e querer brincar um pouco, pois logo que ficamos sózinhos eu entrevistei-o

e confirmei que este senhor era um grande homem. Era professor entre muitas outras actividades que desempenhava. Era um grande conhecedor do Ser Humano para além de pedagogo. Foi enriquecedor este imprevisto.

A entrevista será colocada em anexo.

O dia de trabalho tinha terminado. As entrevistas tinham sido produtivas, em cada uma delas tentei ser eu própria mas aproximando-me o mais que podia e sabia do emissor da mensagem para que o código fosse completamente entendido pelos dois, emissor e receptor, e posteriormente a mensagem fosse trabalhada de forma perceptível a todos.

A noite estava de gelar, devia atingir os três ou quatro graus negativos. Quis recolher ao meu quarto bem cedo para poder trabalhar no que tinha feito durante o dia e para preparar o dia seguinte que era sem duvida o mais importante da minha estadia por ali.

Depois da minha entrevista com o Sr. Adão a curiosidade tinha aumentado em relação ao dia da festa propriamente dita, o dia do Entrudo. Queria ver com os meus olhos aquilo que para o povo de Lazarim era tão importante nas suas vidas. Ia poder perceber porquê e ver de que forma as crianças se relacionam com este acontecimento, se existe alguma relação entre esta festa e a escola. Já tinha percebido que em relação ao desfile da procissão não há tradição nem nenhum pré-trabalho pedagógico em co-relação escola/ festa. As crianças que desfilam vestem os figurinos feitos em costureiras, todos iguais em cor e forma mediante o grupo a que pertencem, sem que o traje tenha algum significado enquanto património histórico ou cultural. Estes figurinos não são emblemáticos de nada em especial e por isso a escola não trabalha sobre eles ou com eles. Não executam nenhum trabalho plástico para este dia ao contrário do dia do Entrudo que é representado pelas máscaras e figurinos, as máscaras são trabalhadas na escola como actividade complementar do conteúdo programático, como vim a saber posteriormente pela professora.

Terça-feira dia 24 de Fevereiro: Dia do Entrudo

1º Momento. “Chegada à vila”

Cheguei bem cedo a Lazarim não fosse ter problemas para estacionar. Era um dia muito especial e os Lazarinenses esperavam muita gente vinda de fora. Este dia já tem outro impacto, existe uma vasta informação sobre a festa do Entrudo na Internet e nos postos de turismo das zonas mais próximas, neste caso específico no posto de turismo de Lamego, onde obtive informações de grande importância para o trabalho que desenvolvi. Esta festa é tão importante que tem vindo a ser boicotada de ano para ano pela vila ao lado, Lalim.

Lalim encontra-se mesmo ao lado de Lazarim, não existe nenhuma possibilidade de chegar a Lazarim sem passar antes por Lalim. As gentes de Lalim depois de verem o sucesso que a festa do dia de Entrudo de Lazarim tem vindo a fazer, inclusive nos meios de comunicação social, resolveram fazer uma festa do Entrudo bastante semelhante, a festa não resultou muito bem, não teve uma grande adesão por parte do povo. Lalim resolveu então nestes dias de festa colocar uma imensidão de carros estacionados de forma a não deixar passar os transeuntes que circulam em direcção a Lazarim. Esta informação foi-me dada por várias pessoas no dia anterior à festa para me pouparem à hipótese de eu chegar em cima da hora e não poder passar e por consequência não poder fazer o meu trabalho.

Posso desde já dizer que este ano Lalim não boicotou a festa; possivelmente o povo de Lalim juntou-se à festa de Lazarim ou ficou em casa devido às baixíssimas temperaturas que se faziam sentir.

Os montes que envolvem Lazarim estavam cobertos de neve, a paisagem era de uma beleza sem fim, sentia-se naquele ambiente um ar tão puro mas tão gelado que até custava a respirar, era realmente diferente do ar da cidade a que estou habituada.

2º Momento. “O almoço”

Fui almoçar à dona Isaura. As gémeas, desta vez, vieram comigo para assistir à grande festa do Entrudo. Cecília e Júlia já tinham ouvido falar desta festa, inclusive na faculdade que frequentam, a E.S.E.L. Os professores da escola de Educação de Lamego fazem várias vezes referência à festa de Carnaval de Lazarim pela sua importância cultural e aproximação geográfica.

Estas duas irmãs eram ex-emigrantes em França, para mim o facto de serem emigrantes tinha particular interesse pois poderia saber a opinião delas a respeito desta festa e era uma mais valia para o meu trabalho. Também elas tinham feito um trabalho sobre máscaras com as crianças inspirado na tradição das festas carnavalescas de Lazarim mas nunca tinham estado presentes em nenhuma festa e tinham muita curiosidade e vontade de a conhecer na prática. As duas raparigas não quiseram dar nenhuma entrevista mas confessaram no final da festa que a apreciaram muitíssimo e que aquela experiência tinha servido de motivação para alguns trabalhos que pensavam desenvolver com as crianças da pré-escola na escola onde estavam a estagiar.

Isaura, a dona do café, tinha preparado para o almoço cozido à portuguesa.

É tradição no dia do Entrudo só se comer carne de porco. Não tinha outra alternativa mesmo que não me agradasse pois o menu só constava daquele prato. Para ser honesta adorei. A travessa estava muito bem decorada com carnes de várias cores desde alaranjadas a castanhas e até pretas, depois vinha o branquinho das batatas cozidas. Estava uma delícia, eu tinha que me alimentar bem porque o trabalho mais difícil estava aí à porta para ser feito e eu tinha que ter a energia necessária, ainda mais com aquele frio que se tinha instalado.

A Vila de Lazarim estava deserta. Onde estavam todos os foliões? E os visitantes! Será que Lalim tinha mesmo cortado a entrada de Lazarim para boicotar a festa, ou será que o frio era tão intenso que nenhum ser humano queria expor-se a tão baixas temperaturas. Talvez o povo estivesse simplesmente a ultimar os preparativos.

Comi tranquilamente. Depois de almoço convivi com toda a família, seria a última vez que me ia encontrar com a Ana Bela, e os seus filhos. A filha estava a ficar com gripe e mal a festa terminasse iam de viagem para Lisboa.

3º Momento. “Início da Festa”

Três Horas. Comecei a vislumbrar o povo que se ia acumulando na praça. Tratei de saber qual seria o percurso que os mascarados iam tomar, como é que se iria realizar a orgânica da festa, para não perder “pitada”.

No meio da praça soa um barulho. Ouve-se o rufar dos tambores. Furo através das pessoas que vão chegando e preparo-me para as acompanhar. Era um grupo de quatro homens, entre eles encontrava-se o Sr. Adão o artesão que eu tinha entrevistado no dia anterior. Parecia ser ele quem comandava todo o plano da festa. Segui-os.

4º Momento “A Ruela”

Entrámos por uma rua muito estreita que circundava o lado direito da vila, visto existir uma rua principal que a corta em duas frentes, lado direito e lado esquerdo. Subimos a rua lentamente ao som dos tambores, passamos por uns caldeirões enormes, aquecidos a lenha, podia-se adivinhar o que existia dentro daqueles caldeirões pelo forte cheiro que exalavam. Informaram-me de que se chamava sopa de farinha e era para ser servida à noite, no fim da festa. A sopa de farinha era constituída por uma sopa de água e farinha, fazia lembrar o caldo verde mas sem legumes, e era acompanhada por uma imensidão de carnes e enchidos de porco e broa, tudo seria servido à descrição e cada pessoa só teria que se fazer acompanhar por um prato, copo e talher porque este manjar era oferecido juntamente com um excelente vinho tinto da região.

Seguimos por ali abaixo. Este passeio serviu para conhecer melhor a vila e apreciar a sua beleza embora os trajectos fossem muitos curtos. As casas eram todas pequenas em pedra e madeira e com balaústres. Umhas casas sobrepunham-se às outras, tinham pequenos quintais, algumas com escadarias em pedra já gastas pelo tempo. Parecia que me encontrava noutra época. Tudo ao meu redor era francamente bonito. Lá chegamos outra vez à rua principal junto ao tanque onde as senhoras lavam a roupa. È neste local o ponto de encontro para todos aqueles que participam na festa. O tempo vai passando, os tambores continuam a tocar, os homens dizem que é para não arrefecer mas também é para chamar o povo. O Sr. Adão está nervoso, anda de um lado para o outro, olha para as horas incessantemente. Neste dia de Entrudo senti que a festa é puramente genuína, das gentes desta terra. Enquanto espero resolvo investigar o que existe por ali mais escondido, deparo com um belo riacho que envolve o tanque pela parte traseira.

A descer a mesma ruela por onde tinha vindo aparecem duas comadres. Duas raparigas jovens (as comadres) apresentam-se aprumadas com trajes a rigor de sair. Estes figurinos são compostos por saias pretas com faixa dourada pregueada, avental, meia de renda branca, camisa branca, xaile e socos. Algumas destas peças já tem mais de cem anos e são emprestadas pela igreja. As comadres acompanhadas pelo Sr. Adão com o seu tambor vão a casa do artesão que construiu os bonecos representativos da comadre e do compadre sempre ao som dos rufos do tambor. Estes bonecos são feitos em papel celofane de cores garridas e estão colocados em bases de madeira, no seu interior esconde-se pólvora. Cada rapariga transporta um boneco e lá vem juntar-se ao restante grupo. Minutos mais tarde aparecem os compadres. Os compadres trajam calça preta sobre o justo e curtas, camisa branca, colete preto, casaco preto justo e chapéu de feltro preto que dá ares de um coco, os dois estão muito elegantes.

Uma das raparigas passa a comadre (boneca) ao rapaz solteiro e a outra rapariga leva o compadre (boneco). Está tudo pronto para seguir para a próxima etapa. Este grupo é constituído por dois compadres, duas comadres e quatro tocadores de bombos e tambores. Ao som dos rufos seguem em direcção à praça. Viram agora para o outro lado da rua principal e entram por ruelas onde se começa a ouvir uma grande algazarra. Umhas crianças fantasiadas com vestidos da mãe e rendas na cara a ocultar os rostos fazem diabruras, atiram farinha à cara das

peessoas que passam, fazem gestos obscenos e fogem, não se ouve palavra vinda delas.

5º Momento: “Caldeirões e Caretos”

Continuei a acompanhar o Sr. Adão, o líder do grupo, entrei numa outra atmosfera. Centenas de pessoas encontram-se no meio de um pátio rodeado de casas «como já descrevi anteriormente» mesmo no centro do pátio estão alguns caldeirões a fumegar intensamente, ali está o feijão que também vai ser acompanhado pelas carnes de porco. O cheiro dos alimentos, agora cozidos, extravasa as paredes da panela em ferro e paira intensamente na atmosfera que se respira. Há muitos mascarados que dançam, saltam, fazem ruídos. Vêm-se máscaras por todos os lados, “mascarronhas” em madeira que naquele ambiente fazem parte integrante do ser que as veste e são medonhas. Todo aquele ambiente eufórico de seres diabólicos é deslumbrante mas ao mesmo tempo assustador. O coração acelera, o primeiro impacto com toda aquela estranha cena é terrorífico e belo na mesma proporção. Este momento faz lembrar um ritual pagão, uma celebração macabra. Existe muita gente vinda de fora a assistir, uns fotografam outros filmam e outros ainda apreciam toda a actividade que se vai desenvolvendo naquele micro espaço. O silêncio é respeitado por todos os que assistem.

No cimo da balaustrada de uma casa aparecem os quatro jovens, o casal do compadre e da comadre que tem a responsabilidade de transportar os bonecos e o outro casal que tem a tarefa da leitura do testamento, este segundo casal aparece pela primeira vez com os livros do testamento na mão (pode-se depreender que os livros saíram desta casa). O testamento consiste numa narrativa desenfreada de escárnio e de mal dizer sobre os filhos de Lazarim. Os testamentos são feitos secretamente na casa de um dos solteiros, o das raparigas em casa de uma das raparigas e o dos rapazes em casa de um dos rapazes, demora entre três a oito dias

e é um pretexto para a confraternização entre os jovens visto em Lazarim não existir nenhuma forma de diversão. Os jovens reúnem-se e bebem “uns copos” enquanto vão tentando rimar frases perversas com o que conhecem dos segredos daquelas raparigas que ainda se encontram solteiras e vice-versa.

Naquela urgência de tudo filmar escapou-me a entrega dos registos dos testamentos, não sei quem os entregou aos jovens para serem lidos, mas sei, no entanto, que foi daquela casa onde estes quatro jovens permaneceram sem um som, um trocar de olhares que lhes foram entregues os dois livros onde estavam escritos os testamentos. Durante esta cerimónia os casais de compadres e comadres olhavam gelidamente para os mascarados que se encontravam abaixo do balaústre uns metros, a fazer um barulho ensurdecedor.

Por entre o fumo dos caldeirões viam-se encarnações materializadas de veados, diabos, sacerdotes, caveiras, reis e rainhas, serpentes, senhores e senhorinhas. Todos em grupo iam estrebuchando, gritavam, dançavam, batiam com os utensílios de que se faziam acompanhar, ora matracas, cajados, paus, vassouras, foices. Os seus figurinos eram feitos de palha entrançada ou solta, barba de milho, folhas secas, ráfia, retalhos de pano, cobertores, lençóis, batas e capotes. Existiam figurinos “tipo” o militar, a senhora e o senhor etc. As crianças também se vestem com os trajes que retratam os mesmos temas, mas não usam máscara de madeira por serem muito pesadas e um pouco toscas na sua consistência e confecção. As crianças tapam o rosto, encobrem a sua identidade com as famosas rendinhas de rosto que eram usadas nos tempos antigos.

Por entre aqueles seres que parecem ter vindo do além está um burro, também coberto de palha e que carrega duas máscaras.

(Comentário: Este burro tem uma carga simbólica enorme, ele representa um outro mundo, o mundo imprevisível, este burro dá ideia de ambivalência, existe nele uma polissemia de valores, o burro é também a representação da sexualidade masculina e é a representação simbólica da herança deixada aos que iram ser presenteados pelo testamento que irá ser lido (o burro irá ser dividido em partes tantas quanto as necessárias para dar para todos os que são evocados em testamento). Este espaço foi talvez o mais emblemático, vivi momentos absolutamente grotescos, houve a busca da excitação. Naquele momento senti que o mundo se dividia em dois mundos opostos; o que extravasa

exorbita, onde não existe limites o mundo caótico e o mundo terrestre organizado. O mundo caótico é representado pelos mascarados que formam um colectivo, tudo estava de pernas para o ar, o homem trajava de mulher a mulher de homem, o burro de pessoa e outro mundo, mais calmo, representado pelo espectador que não usava máscara e tentava ter a atitude que socialmente se esperaria dele, um ser pacato a assistir ao caos. Mas por vezes os papéis invertiam-se e aquele espectador que se encontrava calmo e sereno a assistir tornava-se participante, berrando e dançando tal como o mascarado. O próprio espaço e a forma como estávamos (organizados ou desorganizados) entre todos misturados, seduzia, e acabava por obrigar a que todos participassem naquele pandemónio)

6º Momento “O Testamento”

Dali fomos para a praça principal. Os jovens compadres e comadres subiram ao palco. Na praça mascarados e público esperavam o grande momento, o momento em que seria “lavada a roupa suja” lido o testamento.

Durou cerca de uma hora a leitura do testamento. Durante esse tempo grunhidos e rufadas de tambores soavam assim que se ouvia mais um pecado, um mal dizer sobre alguém da vila. Possivelmente a pessoa de quem se diziam as piores coisas estaria atrás de uma daquelas máscaras, tão escondida quanto possível para não ser reconhecida e com um desejo perverso de ouvir o mal que viria a ser dito a seguir dos outros membros sociais.

7º Momento: “A Morte”

Depois de tanto mal dizer e os ouvidos encolhidos de tantas vergonhas escutar, subimos em procissão pela mesma rua principal em direcção à igreja. Desta vez

subimos mas não até à igreja, fomos só até meio da estrada que conduzia aos coretos e à igreja onde já tinha estado no Domingo dia da procissão. Ficamos a meio da estrada, dois homens pegaram no compadre e na comadre que iriam ser queimados e subiram a uma ladeira um pouco acima do sítio onde o público se encontrava para celebrar o ritual do auto da fé.

Queimam-se os bonecos em jeito de foguetes. Há alvoroço enquanto dura. Mal os bonecos acabam de rebentar alguns mascarados deixam a festa, outros regressam à praça para assistirem à entrega do prémio para a melhor máscara e para o melhor figurino. Durante o percurso de regresso, ainda ao som dos tambores que acompanham a festa do início até ao fim, os mascarados vão marchando, dançando, metendo-se com o público. Já não existe o mesmo semblante que se sentia até aquela altura, agora instalou-se a felicidade.

8º Momento “O Concurso”

Todos os participantes são congratulados com uma medalha de participação. Existem três prémios principais, para as melhores máscaras e para os três trajes mais criativos. O júri é constituído por alguns convidados do público, entre eles a comunicação social. Enquanto os foliões esperam na praça pelo início da entrega dos prémios vão fazendo a festa, dançam, varrem os pés do público, outros atiram farinha aos presentes. Agora juntam-se àqueles foliões outros fantasiados, os figurinos são mais comuns. Vi, por exemplo, um grupo de cirurgiões que entrou na festa e reinou.

Chegou o momento de mostrar as caras. Sempre que um mascarado subia ao palco para receber a medalha era ajudado pelo Presidente da Junta da Freguesia a retirar a máscara.

Era como se voltássemos de uma viagem e regressássemos ao mundo real.

Agora num contexto mais terreno percebia-se que algumas máscaras eram as caricaturas ou emblemas de clubes de futebol mais carismáticos, eram máscaras mais contemporâneas, achei curioso que embora em nenhuma entrevista tenha

sido mencionado, depois de ter visto com rigor as máscaras e as gentes da aldeia, dá-me a sensação de que as “mascarronhas” são cópias das caras dos aldeões.

9º Momento “ A Comezaina”

Depois deste grande e especial dia, esperava-nos a última celebração, a ceia. Os caldeirões que tinham estado o dia todo com as carnes e o feijão a cozer estavam agora prontos para ser apreciados por todos os foliões. A noite já era cerrada fui ao café dos meus amigos pedir um prato e um copo, e lá fui experimentar as iguarias daquela celebração.

Por aquela altura já se via pessoas muito alegres do vinho que foram tomando durante o dia para aquecer e brincar ao Carnaval, é um dia em que todos os excessos e prazeres são inevitáveis e não são foco de censura, tudo é permitido neste dia.

Enquanto se come de pé e ao frio todos se aquecem no caldeirão, trocam-se palavras atrevidas ou simplesmente simpáticas e vai-se caminhando para o final da festa. Parecemos bruxos e bruxas num enorme ritual, “comer” é também simbólico do prazer sexual. Esta festa está carregada de cargas simbólicas. Nesta festa tudo é imprevisível, a única previsão é que esta festa tem um fim e este fim tinha chegado.

A minha primeira recolha de dados tinha chegado ao fim voltei com as irmãs até Lamego para descansar e regressar ao Porto no dia seguinte.

Regresso a Lazarim, 20 DE JUNHO DE 2004: Visita à Escola

Cheguei a Lazarim por volta das 13 horas.

Fui cumprimentar os amigos que lá tinha deixado. Primeiro fui ao café da D. Isaura, não me reconheceu de imediato, ao contrário do seu marido. Muitas coisas tinham acontecido nos últimos meses, os pais de ambos tinham falecido por isso aquele semblante no rosto de cada um. Despedi-me prometendo voltar.

Pelo caminho encontrei o Sr. Presidente da Junta de Freguesia; abrigava-se do sol por baixo de uma paragem de autocarros que se encontrava mesmo ali ao lado da Praça.

Cumprimentamo-nos, esclareci-o do meu propósito em ter regressado. Eu queria ir à escola da vila fazer um trabalho com as crianças que lá se encontrassem. Aconselhou-me a que me apressasse se queria trabalhar com as crianças porque a escola estava a fechar. A hora já era tardia, se professores e alunos não tivessem já saído preparavam-se para ir almoçar.

Apressei-me. Quando cheguei à escola a três passos dali encontrei três crianças à espera do professor. No mesmo momento chegaram dois professores, um senhor e uma senhora. A professora do turno da manhã tinha acabado o seu trabalho e já se tinha ido embora e não regressava.

Apresentei-me aos dois professores e expliquei que pretendia fazer um breve questionário às crianças do quarto ano a propósito do Carnaval de Lazarim, se me autorizassem. Disseram não verem problema nenhum a não ser que os alunos presentes eram do quinto e sexto anos. Voltei ao café para ligar à minha orientadora a fim de saber da viabilidade de fazer o trabalho com alunos do quinto e sexto anos de forma a não ter que ficar para o dia seguinte pois os quartos anos são do turno da manhã. Não consegui o contacto porque em Lazarim só há rede telefónica para a rede Telecom e eu sou portadora de um telefone de rede Telecel. O dono do café ao ouvir toda a história das crianças e do telefone ofereceu de imediato o seu para eu entrar em contacto com a minha orientadora. Liguei e assim pude informá-la de tudo o que se estava a passar. Precisava do seu parecer

para a decisão que iria tomar. Ainda uma outra curiosidade, a turma do quarto ano só tinha quatro alunos. A resposta da orientadora foi positiva, deveria começar já o trabalho com aquelas duas turmas. Quando desliguei o telefone umas senhoras que se encontravam numa das mesas do café a conversar tinham ouvido a conversa e resolveram intervir dizendo que uma delas era a tia de um dos meninos do quarto ano, outra era a mãe. Informaram-me de que os miúdos deveriam andar por ali perto a brincar, os rapazes no estaleiro e as meninas em casa de uma amiga.

Descansaram-me dizendo para eu não me preocupar que elas iam chamar um miúdo que por sua vez iria chamar o resto da rapaziada do quarto ano e que todos iriam fazer o questionário ali mesmo no café. Fiquei bastante satisfeita, o trabalho que tinha previsto só para o primeiro ciclo de escolaridade iria realizá-lo com todos os alunos de todos os anos pertencentes à escola da vila de Lazarim o que dava margem para um estudo mais completo.

Deixei no café com aquelas senhoras quatro questionários para quando as crianças aparecessem pudessem ir lendo para se inteirarem do conteúdo do questionário. Resolvi ir à escola entregar os restantes questionários para que todos os alunos daquela escola pudessem participar no meu trabalho. Fui informada pelos professores que era dia de prova e que todos os alunos iriam fazer o questionário assim que terminassem as provas avaliativas. Fiquei preocupada com as crianças. Poderia ser trabalho a mais para um só dia, fui imediatamente informada de que aqueles questionários até seriam úteis pois iriam fazer parte do trabalho deles e isso era muito positivo. Fiquei mais tranquila. Desci ao café para ver como estava a correr tudo, qual não é o meu espanto quando ao entrar reparo com um grupo de miúdos muito felizes que tinham ido ao café com o objectivo de irem fazer um teste. Já tinham começado. Resolvi sentar-me enquanto esperava pela conclusão dos questionários, afinal já não era exclusivamente dos alunos do quarto ano mas de todas as turmas da escola da vila. Enquanto isso meti conversa com a dona do café, falei do Carnaval que ali tinha passado e como tinha sido maravilhoso, percebi rapidamente que é este o tema preferido das gentes daquele lugar, é o tema que consegue por todos a ferver. O café em peso passou a fazer parte da conversa. A dona Isaura saiu sorratamente. Tinha ido a casa buscar o testamento dos rapazes que, em total secretismo, tinha sido feito pelo seu filho e o grupo dos solteiros amigos, lá na sua casa, para ser lido no dia do testamento. A

sorte era total, ela tinha acabado de me entregar uma preciosidade. Perguntei se poderia ficar com ele, a senhora explicou-me que isso não podia ser. E agora o que é que eu ia fazer numa terra que só tinha três cafés e uma mercearia. De uma das mesas saltou uma voz, era a Rita, uma rapariga de vinte anos. Tinha sido a Rita que no dia do testamento carregava o livro testamentário e acompanhava a rapariga que fez a leitura. Rita informou-me de que na Junta de freguesia existia uma fotocopiadora. Agradei. Fui num passo à junta. No guichet do centro de saúde encontrava-se a trabalhar a mulher do Sr. Adão. Reconheceu-me de imediato e procurou logo ajudar. Ligou ao Presidente e mandou-me aguardar. Em breves minutos apareceu o Presidente que já sabia do que se tratava e logo me perguntou onde estava o testamento para ser fotocopiado.

Aproveitei finalmente a presença do Sr. Presidente mais calmo para lhe pôr algumas questões. Interessava-me saber qual era a função dele na organização do Carnaval.

Começou por informar de que tinha uma função organizativa. Ele não só organizava como também trabalhava no que fosse necessário, trabalhava na montagem de fios eléctricos, na compra das medalhas. Em ar de brincadeira confessava que se fosse necessário até na banda tocava, era ele que contactava os músicos, os grupos de rancho. Era também a junta que se encarregava por todos os pagamentos desta festa tão importante para os Lazarinenses. Depois comentou sobre os desentendimentos que existiam entre o povo de Lazarim e o de Lalim, informou-me de que Lazarim se tinha tornado famosa pelas suas máscaras, Lalim, a aldeia vizinha, tentou copiar mas como não teve grande sucesso começou a boicotar a festa de Lazarim, não tiveram grande sorte porque a festa de Lazarim não parou, muito pelo contrário cada vez está mais forte e traz mais gente a Lazarim, é uma forma de trazer os filhos da terra que estão emigrados internamente e externamente assim como pessoas de lugares de Portugal e do estrangeiro. Para o Sr. Presidente a festa de Carnaval é um momento de extrema importância de que se orgulha muito.

No meu regresso ao café para recolher os questionários avistei o Sr. Adão que muito familiarmente me pôs ao corrente da sua agenda. Contou-me que ia passar o fim-de-semana a fazer as suas famosas máscaras, já conhecidas internacionalmente na feira medieval de Lamego e prontamente convidou-me a ir visitá-lo. A seguir aquela feira ia correr Portugal a fazer máscaras durante todo o

verão. Agradei, despedi-me dele com saudade e corri à escola a ir buscar os questionários para depois rapidamente passar pelo café a fazer o mesmo e a agradecer a todos a prestação que me tinham concedido e voltar à minha terra que ainda havia uma enorme quantidade de quilómetros a percorrer.

As notas de campo que posteriormente se tornaram no meu “memorando” ou story board, foram de extrema importância, foram a minha segunda memória. Resultaram num apanhado de ideias que ilustra muito bem a comunidade de Lazarim na sua forma de estar, de pensar e de sentir assim como os seus hábitos os seus costumes e a sua cultura. Ao nível geográfico penso que descreve e transmite toda a beleza e pureza que existe na vila e arredores.

Capítulo 4. Análise Teatral do Dia do Entrudo

Recorri ao dia do Entrudo para fazer um estudo sob um ponto de vista teatral. Penso que esta festa tem uma carga particularmente teatral e cénica.

1. Pressuposto de análise

A análise que irei fazer contemplará os vários e distintos momentos da festa de Entrudo. Darei maior destaque à interpretação das quadras, texto elaborado por populares que serve para sublimar todos os acontecimentos vividos ao longo do ano pelos habitantes da vila.

Parti assim do seguinte pressuposto:

O dia de Entrudo é um dia dividido por diferentes momentos que se podem considerar “actos”. É ao longo da tarde que se desenvolve a trama que tem como cenário os diferentes espaços da vila.

Ao criar uma peça teatral a partir do testamento (texto de escárnio e mal dizer escrito e lido por populares para uma comunidade) tive como principal objectivo alterar a intenção do texto e transformá-lo num texto dramático. Aos sujeitos participantes na leitura do testamento recriei-os como actores/personagens de uma peça teatral.

Para poder fazer estas transformações tive como prioridade alguns aspectos relevantes que permitissem criar uma peça teatral, foram eles: o texto dramático, a representação teatral, a concepção do espaço, os figurinos, a musica, a iluminação e o trabalho de actor. Para este estudo farei referência a alguns pontos de vista sustentados por Barreto (1995).

O texto dramático, como o próprio nome indica, destina-se a ser representado, isto é, foi concebido para ser apresentado e presentificado num determinado espaço (espaço cénico) por actores. Utilizei as didascálias para melhor transmitir os diferentes espaços e os “actos” para dividir a peça em diferentes momentos.

Um texto com uma visão dramática ou teatral só se efectiva no momento em que actores sobem ao palco e transformam palavras que até aquele momento

“viveram” e se encontram no suporte papel e se materializam através de actos concretizando uma ideia de autor.

A representação teatral é, assim, o resultado da confluência de uma série de signos de origem diversificada (visuais, sonoros, cinéticos), e onde o código escrito é substituído por uma complexidade de signos, linguísticos e não linguísticos.

Para interpretar um texto dramático temos que ter em conta as didascálias ou intenções que o autor dá em cada palavra escrita para melhor compreender o tempo, o espaço e todo o enquadramento ao nível do retrato físico e psicológico da personagem. Temos também que ter em conta o trabalho do actor, a concepção do espaço, os figurinos, a musica e a iluminação. No trabalho de actor tive em conta o processo de caracterização da personagem, a fala (a voz), os gestos, os movimentos, a mímica, a máscara, a caracterização e a indumentária.

O encenador faz uma leitura própria e sua do texto construindo o seu próprio discurso, da sua leitura decorrerá uma série de consequências que irão afectar o trabalho de actor da concepção do espaço, da música, do guarda-roupa, da iluminação. (Barreto L., 1995: 87)

A divisão em actos corresponde à presentificação dos momentos fulcrais da acção dramática. O actor sendo o responsável pela mutação e materialização do texto dramático, com a sua interpretação do texto e representação em palco dá alma e corpo ao texto, cria momentos únicos irrepetíveis e irreversíveis. O actor super valoriza instantes que adquirem um valor de excepção.

Barreto (1995: 10) explica que:

“A competência literária trata-se de um processo análogo aquele que nos permite poder assistir a uma representação teatral à projecção de um filme ou a um concerto. Quando um actor se veste do papel de uma personagem, fá-lo através de um processo de construção fictícia da realidade que sabe não ser a verdadeira e que nunca poderá ser aceite como tal. Por seu turno, o espectador aceita essa realidade que lhe é proposta também como fictícia. Cria-se entre o espectador e o actor uma cumplicidade que lhes permite aceitar como real a realidade fingida da representação; ambos partilham de um código que lhes fornece a competência necessária para a leitura do espectáculo teatral que, por seu lado, comporta uma convergência de códigos ligados com o espaço dramático, a iluminação, a musica, a arte de representar, etc. Há pois uma iniciação necessária para se ser um bom espectador de teatro”

O formato da análise teatral que fiz assenta em moldes muito particulares.

Barreto (op. cit.) diz-nos que quando um actor veste o papel de uma personagem fá-lo através de um processo de construção fictícia da realidade que sabe não ser a verdadeira e o espectador aceita essa proposta como sendo fictícia.

No caso do meu estudo que retrata o dia da festa de Entrudo como peça teatral, actor e público misturam-se. O actor, muito embora no momento em que se encontra em cima do palco esteja a representar, não está a representar num processo de construção fictícia da realidade, está a representar e a informar de uma realidade ao público presente.

Trata-se de um público participante. O público aceita a proposta do actor sabendo que está na presença de uma representação de uma realidade quotidiana e participa com as suas críticas implacáveis. O público tem um papel crítico por se encontrar familiarizado com símbolos e signos do conteúdo da “peça” e por isso intervém sempre que se justifique. São pessoas que pertencem à vila, conhecem o “enredo da história”. Existem momentos no decorrer da cena em que espectadores se reconhecem no texto através do seu próprio nome. “Actores e público” sabem que estão perante uma “peça” com o intuito de mostrar a realidade de uma forma cruel.

“As quadras” manifestam defeitos físicos e psicológicos de personagens /“habitantes da terra” e utilizam sempre o nome próprio da pessoa-alvo, com o objectivo de que todos os presentes “espectadores” reconheçam o que ali está a ser dito e se deixem deleitar pela perversidade e autenticidade do texto.

Basear-me-ei nos momentos - regras propostas por Barreto (op. cit.) para a análise de um texto dramático:

- . Verificar que personagens intervêm na cena;
- . Integrá-las na acção dramática procurando explicitar em que ponto do conflito dramático elas se encontram no momento em que se inicia o texto que vamos analisar;
- . Analisar o modo como a acção se desenvolve e procurar estabelecer relações mais ou menos explícitas entre esse desenvolvimento e o conflito que o condiciona;
- . Analisar as personagens dando especial atenção à sua função dramática, ao modo como condicionam o conflito dramático;

. Verificar como, a nível da linguagem, há uma perfeita adequação entre o que se diz e as motivações dominantes da acção dramática.

Antes de começar a analisar este “texto” dramático poder-se-á fazer alguns comentários sobre outras dimensões mais técnicas da acção teatral:

Os figurinos estão bem marcados a definir as personagens, a luz é natural e passa também por diferentes matizes; a “peça” começa em plena luz do dia passando por zonas de penumbra produzida por fumos que saem incessantemente de potes que ao longo da tarde vão cozendo carnes e feijões em espaços fechados circundados por pequenas casas em pedra. Termina já noite cerrada.

A cenografia é constituída pela própria paisagem natural e pela arquitectura do espaço envolvente. Os actores são: raparigas, rapazes, homens, mulheres e crianças da vila.

O público é constituído não só pelos habitantes da vila de Lazarim mas também por muitos estrangeiros, emigrantes e forasteiros vindos de outras cidades, vilas e aldeias. É um público participante.

As máscaras são também presenças activas, são elas que definem a índole da “personagem” demónio, animal ou gente.

2. Análise dramática do DIA DO ENTRUDO

A acção passa-se em Lazarim, uma pacata vila de agricultores que vivem em paz uns com os outros durante todo o ano.

Um grupo de habitantes desta vila resolve utilizar o dia de Entrudo para se agredirem verbalmente entre si e para exteriorizar todas as “maleitas” que vão infernizando as suas vidas ao longo do ano.

A peça desenrola-se desde o meio do dia ao anoitecer.

As personagens principais são quatro constituídas por dois compadres e duas comadres; as personagens secundárias são actores sociais trajados de demónios, senhorinhas, militares, papas, animais, reis, rainhas etc. Existem crianças na peça, estas cobrem os rostos com rendas e servem para lançar a confusão atirando às caras dos presentes punhados de farinha. O público é participativo sempre que lhe é permitido, manifesta-se “metendo a colherada” e lançando a confusão.

I Acto: A chegada

Passa-se junto ao tanque onde as mulheres da vila lavam as suas roupas.

É neste espaço que as personagens principais se encontram pela primeira vez para dar início à peça.

São quatro da tarde e o sol já vai alto. Chegam primeiro os homens dos tambores que vestem roupas de trabalhar no campo feitas em tecidos pobres, as cores são os ocres e os castanhos. As caras já se encontram enrugadas pelo tempo. Estes homens marcam os diferentes momentos da peça, empregam dinâmicas através de sons ruidosos dos seus instrumentos musicais e chamam a atenção de todos por onde passam.

A vila enche-se de sons fortes que quebram o frio da tarde, logo a seguir as comadres, bem alinhadas nos seus trajes rurais de cerimónia, que já cheiram a antigo, chegam seguidas pelos compadres vestidos também a primor. As cores que predominam nos seus trajes são o branco e o preto, cores de cerimónia.

Compadres e comadres não trocam palavra, cruzam olhares de ódio entre si.

È o senhor Adão, o homem que lidera o grupo de músicos de tambor, que abandona o grupo para ir a uma casa no cimo do monte buscar os bonecos de papelão, a comadre e o compadre.

Quando regressa entrega os bonecos aos actores que protagonizam o papel de comadres e compadres. O silêncio predomina, está prestes a rebentar uma “guerra” entre sexos.

É neste primeiro acto que se sente a tensão que existe entre os dois pólos, feminino e masculino, entre compadres e comadres. Esta imagem é dada através dos olhares de desdém que lançam entre si. Homens e mulheres não se misturam, e sente-se um crescente de raiva entre os diferentes grupos. O silêncio de pedra que se instalou atemoriza quem assiste, e é quebrado pelos sons fortíssimos dos tambores.

II Acto: O Caldeirão

Ao som da música dos tambores em marcha lenta os compadres e as comadres seguem por entre ruas estreitas para um pequeno pátio. Sobem à

*balaustrada de uma casa de pedra onde lhes é entregue o secreto “texto” -
testamento. No pátio, actores e público misturam-se.*

*A música dos tambores é ensurdecadora. Personagens mascaradas de
demónios, animais, papas, reis, rainhas dançam e berram à volta de um caldeirão
em brasa com seus trajes bem largos feitos de retalhos de tecidos em cores
berrantes. As máscaras são aterradoras, ocupam o dobro da cara, parecem pesar
e serem incómodas, mas ninguém se queixa.*

*Compadres e comadres continuam sem trocar palavra. Naquela varanda
vive-se um momento de cortar a respiração. A qualquer momento pode rebentar
uma guerra entre os sexos. As crianças vestidas com saias, aventais e roupas das
lides caseiras das suas mães atiram farinha em todas as direcções. As suas caras
estão cobertas por rendas com que ocultam as suas identidades por isso
permanecem em silêncio tal como os adultos mascarados. É impossível adivinhar
o seu sexo.*

*Todas as crianças da aldeia participam activamente durante todo o
decorrer da trama com o único intuito de provocar a confusão. As crianças são
as únicas a serem poupadas às cenas de escárnio.*

É neste momento que os restantes personagens se juntam aos compadres e
comadres. O ambiente faz lembrar rituais Africanos pelos sons estridentes
proferidos pelos Caretos personagens que usam grandes trajes completados por
máscaras que escondem a sua identidade. Mauss (1972) diz que em certas
populações a máscara é fundamental no ritual. Cada indivíduo usa a sua máscara
que indica a sua situação no clã. Os gritos dos actores parecem evocar espíritos,
almas do outro mundo. Estamos perante uma reacção de exaltação que nos remete
para uma cerimónia pagã.

O caldeirão está colocado em posição de destaque e tem um valor
dicotómico, por um lado pagão por outro religioso.

Pagão porque parece aguardar pela sentença de morte de um dos sexos para
crucificar um dos testamenteiros num rito de absoluta crueldade.

Religioso porque podemos fazer uma analogia à última ceia de Jesus pelo o acto de comer juntos em que se quebram barreiras, celebra-se a igualdade da mesa. É um acto apaziguador aos dois sexos.

III Acto: O Testamento

È neste momento que todos se deslocam para o espaço “palco” para o sublimar de todas as emoções.

No palco, encontram-se os compadres e as comadres segurando os seus bonecos de papelão. Fora do palco, imediatamente por baixo, e à sua frente estão os actores secundários personificando personagens terríficas e não terríficas que são caracterizadas pelas máscaras que utilizam. As personagens vão gritando ansiosamente para que se dê início ao “decapitar dos egos”.

O público está ao rubro e encontra-se misturado com os actores.

A comadre é quem inicia o desfolhar do “mal dizer”; a cada quadra ouvem-se os gritos de escárnio dos mascarados. De seguida, é a vez dos compadres e o ritual repete-se. As crianças andam por entre o público saltando de um lado para o outro, fazem gestos obscenos e atiram farinha por onde passam. (V. AnexoII: Testamentos)

É neste momento que homens atacam todas as mulheres da terra e que mulheres atacam com duras frases os homens da aldeia. Trata-se de uma luta entre sexos a partir das fragilidades de cada um dos indivíduos em causa. Quebram-se todos os tabus e regras estabelecidos pela sociedade. O público vibra e descobrem-se as “carecas do vizinho do lado”.

O testamento é uma herança cultural que vai passando dos mais velhos para os mais novos e assim a tradição não morre.

As crianças fazem parte integrante desta prática anual. No texto, as crianças não são citadas devido à sua idade. Elas também não usam máscaras de madeira porque ergonomicamente não são confortáveis, já que são bastante pesadas e a madeira é rude, o que traz uma sensação de desconforto para os mais pequenos.

A ordem normal das coisas torna-se num profundo caos perverso e perigoso. Perverso porque todos os vícios e pecados são postos em praça pública mencionando o nome do indivíduo a que se referem. Perigosos porque muitos

segredos são desvendados. Os jovens testamenteiros vão proferindo as frases sem nenhum respeito por aqueles a quem estão a atribuir tamanhos defeitos como a quadra a seguir demonstra: “*O teu cu é um petisco, a tua cara uma tentação, de ti só queremos ó Celina, o teu doce berbigão.*”

De tudo, e sobre tudo, se fala naquele palco sem pudor e com detalhe de um rigor macabro. Os indivíduos em causa escondem-se por detrás das máscaras para não serem reconhecidos e para também poderem partilhar dos segredos alheios. Talvez esta herança cultural se mantenha precisamente pelo peso que o testamento tem no seio da aldeia. É sem dúvida o momento mais importante de todo o decorrer da festa.

O testamento tem um secretismo associado, é feito em total segredo num local também ele secreto.

Durante este período, os jovens partilham pensamentos mais indecentes sobre o sexo oposto e bebem vinho na companhia uns dos outros. Este ritual ainda é fechado aos mais pequeninos, que ficam ansiosos pelo dia da leitura porque mesmo tendo idades compreendidas entre os cinco anos e os catorze anos já entendem o que maior parte das quadras querem dizer. Eles, tal como os adultos, riem-se e divertem-se, vão-se preparando com entusiasmo para quando chegar a sua altura.

Em relação a estas quadras que escolhi como sendo o “esqueleto” texto para a peça teatral aprez-me falar sobre as considerações que o Doutor Manuel Viegas Guerreiro tece sobre “Literatura e Literatura Popular? Casos exemplares”, no livro intitulado “Artes da Fala” de autoria do Professor Doutor Jorge Freitas Branco por se tratar de um texto popular, escrito por populares rurais e que faz parte do património cultural de uma determinada região restrita.

Guerreiro afirmou (1997) “*A cultura Popular que se tornou bela por estar morta ou moribunda*” cabe a todos nós não deixar que esta cultura, que tão bem nos distingue de outras civilizações, retrato de um povo, morra na totalidade restando apenas a lembrança destes “feitos populares” através de documentos escritos.

Guerreiro (op. cit.) põe em dúvida a existência de duas literaturas, contrariando alguns “*sábios da escrita*” que separam “Literatura” de “Literatura Popular”; sendo a primeira a autêntica e a literatura popular inferior.

Para o Professor Guerreiro define-se literatura como o conjunto de obras literárias de um país, de uma época. (Branco & Lima 1997: 7)

Seguindo o estudo feito por Guerreiro (1997) sobre “literatura de letrado” e “literatura popular” chega-se à conclusão que onde existe uma não cabe a outra, as que andam na voz do vulgo, a das quadras e romances, fábulas e contos, ditos e provérbios é considerada inferior, dita por analfabetos ou pessoas de poucas letras. “*Há até quem a considere uma filha degradada, uma subespécie da dita culta*”.

Guerreiro (op. cit.) é da opinião que os homens de letras pertencem na maior parte a meios urbanos, a gentes mais ou menos abastadas, que pouco convívio tem com o povo iletrado, cujas artes desconhecem ou não admiram. Na própria escola, só excepcionalmente, se tem ocupado deste aspecto da cultura, daí persistir uma tradição literária “aristocrática”. Barreto (1995: 10) afirma:

”Proscreeva-se, definitivamente a falsa ideia de um povo inculto, porque não andou na escola, ou pouco a frequentou, de artes menores, que inspiração, talento e ciência não são exclusivos dos doutores das letras.”

As quadras escolhidas como “esqueleto” para a “peça teatral” têm como tipologia três temas diferentes:

- As quadras ao profano, por se dedicarem às coisas da vida, ao trabalhador, à miséria e à luxúria;
- As quadras ao namoro, porque dedicadas às raparigas e ao casamento e
- As quadras à campa por focalizarem a morte.

Quanto ao “Texto do Compadre”, ele é um conjunto de quadras satíricas, monologais, narrativas dirigidas a destinatários cujas respostas não se ouvem São escritas sob a forma de insulto directo, em que funcionam as sugestões e insinuações e a expressão mediante analogias, metáforas e símbolos. Inspiram-se nos vícios, nos escândalos e na maledicência das raparigas da terra, em que a violência e o desembaraço da linguagem podem chocar, por vezes, os espectadores mais sensíveis. São versos desbragados, escabrosos; uma prática poética licenciosa. É, todavia, na má-língua de tais versos, que se podem encontrar dados para o estudo da sociedade em análise. Os temas são variados, o humor diferente, mais fino, mais cáustico, mais injurioso, mas a característica fundamental encontra-se bem expressa. Com maior ou menor libertinagem são

explicitados os nomes, os factos e as situações. Esta liberdade crítica é de registar numa região atravessada pelo preconceito moral e pelo pudor convencional. É de salientar o facto de que o objectivo das críticas não persegue fins morais ou moralistas, mas tão-somente pôr a descoberto o ridículo e as excentricidades/fraquezas das pessoas retratadas.

Estas quadras são escritas por homens sem grande nível académico mas com grandes e profundos conhecimentos da “vida”, o que caracteriza este grupo (na minha opinião) como um grupo de pessoas “intelectualmente” capaz de desenvolver este tipo de trabalho de “cariz” humano e cultural.

Foi no decorrer da minha investigação que tive o prazer de conhecer alguns dos sujeitos que elaboraram o texto e pude apreciar e entender melhor as próprias quadras e o seu teor.

È certo que a maior parte do texto escrito é espontâneo, quase infantil, remetendo muitas vezes para o erotismo. Os valores, a moral e os bons costumes o que se chama de politicamente correcto são transponíveis. Não é um trabalho rebuscado. Pelo contrário, é rude mas coberto de sinceridade.

IV Acto: A morte

Depois da catástrofe tem de se calar a “besta”

Todos sem excepção em procissão fúnebre sobem por baixo da penumbra da tarde uma ruela até aquele que será o local onde comadre e compadre morrem incendiados no meio de um grande fogo de artifício, e com eles as palavras de escárnio sórdido transformam-se em cinzas. Fim

Todos os actores sociais, espectadores e crianças deleitam-se com aquele aparato final.

É um momento metafórico que simboliza a morte. É o fogo que desmaterializa os bonecos e os transforma em cinzas.

É neste momento que vozes perversas se calam e se purificam através do simbolismo do fogo mantendo-se em paz e harmonia com os restantes habitantes da vila até ao próximo ano.

Muitos dos mascarados saem em silêncio em direcção às suas casas para se despirem, outros vão ainda para o palco para serem apreciados e um júri dar uma

nota ao seu disfarce. No final do concurso adultos e crianças acabam a festa comendo, bebendo e rindo de tudo o que aconteceu ao longo do dia.

Utilizei o processo de análise teatral para descrever a festa do Entrudo, pois, no meu ponto de vista, todas as festas de cariz popular/tradicional tem uma carga profundamente dramática. Dividi a festa em quatro actos organizados, desta forma penso simplificar o entendimento geral do dia da festa de um ponto de vista simbólico.

O fenómeno teatral explica as transformações do objecto considerado. O teatro é uma linguagem artística completa que tem as suas regras próprias e permite comunicar e ainda acrescenta a polissemia do texto e da representação. No domínio da semiologia permite analisar a mensagem produzida por se poder analisar como um sistema de sinais.

Capítulo 5.A Festa e as Máscaras vistas pelas Crianças

Introdução

A escola tem uma enorme responsabilidade no desenvolvimento intelectual da criança.

Actualmente, os professores dão um especial relevo ao desenvolvimento da criatividade no seio escolar. Existe uma preocupação em leccionar as disciplinas interdisciplinarmente, contemplando as competências transversais, e usando métodos de trabalho e de estudo que se adoptem estratégias criativas.

Durante o seu crescimento é da responsabilidade de todos os educadores, tanto pais como escola, estarem atentos a todo o processo de forma a motivar progressivamente o desenvolvimento da criatividade, que até aos cinco seis anos são espontâneos.

“Aprender é um esforço que mobiliza a totalidade de um indivíduo e que implica disciplina, concentração, atenção, esforço e sofrimento. Mas há aspectos lúdicos que se podem trazer à aprendizagem. Há uma mensagem dupla que é dada às crianças, concretamente, a partir dos dez anos se por um lado aprender é brincar essa brincadeira acaba a partir de certa altura e começa-se a reproduzir acriticamente. As actividades que foram toleradas no ensino primário são desvalorizadas a partir desse momento.(Castro, 2005: 14)

Em vários países é utilizado o jogo dramático na educação da criança fazendo parte do programa escolar. Na Inglaterra, nos Estados Unidos, no Canadá, o jogo dramático há muito que faz parte do programa escolar.

Lotman, (1973) é de opinião que o jogo tem uma enorme importância como meio de conhecimento, tendo a capacidade de “modelizar” situações para as quais um indivíduo não está preparado.

“O jogo nunca se opõe ao conhecimento pelo contrário, é um dos meios mais importantes de aquisição das diferentes situações vitais, de aprendizagem de tipos de comportamento”
(Lotman, 1973: 105)

Desenvolvi sobre o objecto máscara uma parte do meu trabalho por se tratar de um objecto polissémico: a máscara tem importância quer ao nível pedagógico na construção de um conhecimento enquanto expressão e educação plástica, (no 1º ciclo, faz parte da área curricular disciplinar na expressão e educação plástica o desenho, a construção, a escultura, a pintura, a modelagem, e o recorte com a competência de desenvolver a capacidade de contemplação, de interpretação assim como a de criar); quer como objecto pertencente a uma cultura fazendo parte do seu património. A cultura está permanentemente de “mãos dadas” com o currículo o que enriquece profundamente de uma forma construtiva e criativa o universo intelectual, cultural e pedagógico da criança.

A máscara dá a possibilidade aos mais pequenos de sonhar, brincar e de imitar, para as crianças a máscara tem um poder de sedução que as leva a praticarem jogos fictícios que são de extrema importância para o crescimento ao nível criativo e intelectual da criança. A máscara é utilizada nas escolas como instrumento de trabalho tal como já foi dito a nível plástico, como também, em representações teatrais tão comuns na prática escolar. A máscara é conhecida por todas as crianças independentemente do seu estatuto social ou cultural.

Por pensar que a máscara reúne uma complexa e vasta significação de significado e que através dela posso descobrir mais sobre, as crianças os seus habitus do quotidiano as crenças e valores, elaborei uma parte do meu trabalho junto de um grupo de alunos pertencentes à vila de Lazarim

Relacionei uma imagem de uma máscara tradicional conhecida pelas crianças com uma imagem de uma máscara actual introduzida por mim num questionário para perceber qual o valor de cada uma delas no imaginário individual de cada criança.

Procurei descobrir se o instrumento televisão veio alterar os costumes, as tradições quer ao nível estético/plástico, quer ao nível cultural dentro do contexto social de um grupo de crianças envolvidas no meu projecto, do primeiro e segundo ciclo, no seio de uma pequena comunidade.

1. Análise das respostas das crianças à Ficha de Trabalho

No trabalho realizado Pinto (2000) sobre “A Televisão no Quotidiano das Crianças” escreve um artigo onde reflecte sobre a concepção da sociedade em que entende como uma massa de indivíduos isolados e culturalmente desenraizados. Torna-se, deste modo, possível, de acordo com esta concepção, tirar partido dos novos meios (a imprensa e sobretudo, a rádio e o cinema) para condicionar as massas, para induzir modos de pensar, comportamentos políticos, práticas de consumo. As audiências e, por conseguinte, a sociedade são vistas como indefesas e vulneráveis perante os desígnios dos detentores de tais meios de estimulação e de persuasão.

Ainda segundo o mesmo estudo acima referido, verifica-se que a televisão ocupa um lugar de grande destaque no quotidiano infantil.

Pinto (Op. cit.) conclui que, segundo os resultados do questionário, cada criança vê em média 175 minutos nos dias úteis e 262 aos fins-de-semana

Este trabalho realizado por Manuel Pinto levou-me a um ponto de partida, em que eu punha a hipótese de que as crianças envolvidas neste projecto eram influenciadas pela televisão. Resta agora compreender se as crianças que habitam uma pequena vila, pouco desenvolvida, com poucos recursos a nível económico e social, de que forma são influenciadas pela televisão.

Este trabalho teve duas etapas, a primeira foi conseguida a partir de uma observação à distância, que durou uma semana, num período de férias de Carnaval. A segunda etapa decorreu num período escolar em que regressei à vila e passei um dia com as crianças: uma parte do dia dentro da escola e o resto do dia após o horário de aulas. No período de aulas pedi que os alunos respondessem a um pequeno questionário que me levaria a perceber, de uma forma empírica, até que ponto a televisão moldava a estética dos costumes destas crianças. (*V. Anexo: Questionários*)

No questionário introduzi uma imagem de um mascarado contemporâneo “Spawn” (super herói, personagem de banda desenhada amada e mimada pelas crianças das cidades) que eventualmente fosse do conhecimento das crianças da vila, apresentado através da televisão. Foi escolhido este herói para tema do

trabalho por usar máscara e ser possível a sua comparação numa versão moderna ao Careto do Carnaval da vila de Lazarim. Assim pude ter uma percepção mais real do impacto dos média em pequenas vilas e na troca de afectividades que deste fenómeno pode surgir no mundo interior dos mais pequenos.

Os questionários foram feitos aos alunos do 4º,5, e 6º ano, foram elaborados de uma forma passível de uma boa compreensão por parte dos alunos. (V: Anexo III, questionários)

Face à 1ª pergunta, “Elabora uma redacção a partir do que a imagem te sugere”, a **Inês** (3º ano) contextualiza a imagem no tempo, no espaço, e no próprio enredo festivo.

Esta criança de 9 anos de idade mostra-se orgulhosa do seu Carnaval, quando profere que o Carnaval de Lazarim é famoso pelas suas máscaras. Ela impõe esta ideia de famoso que ela própria atribui a esta festa.

A Inês omite o nome do Careto exposto na figura 1, sabendo ela de quem se trata. Ela elabora um jogo de palavras de forma a não quebrar a regra principal sendo esta a de não desvendar quem está para lá da máscara. Trata-se de um código conhecido por parte de todos os participantes na festa de Carnaval. Esta menina descreve de uma forma detalhada o traje do Careto explicando a técnica para a concepção do fato. É cuidada na elaboração do texto, redacção e falo com intenção na escrita. Procura, através da escrita, cativar quem a lê, para o seu mundo, neste caso circunscrito ao dia de Carnaval da sua terra.

Quando responde à pergunta: “Que semelhanças e diferenças encontras entre a imagem 1 e 2?”, a Inês cria um juízo de valores, ela define a imagem 1 como mais bonita que a 2. Para esta criança a imagem 1 é muito mais bonita porque lhe é familiar, ela justifica dizendo estar mais habituada. A Inês define a imagem 2 como sendo horrível. É clara na sua escolha e partilha-a com o/a leitor(a).

Inês, 9 anos, 3º Ano

Elabora uma redacção a partir do que a imagem te sugere

O Carnaval de Lazarim é famoso pelas máscaras de madeira que aqui se constroem
Os compadres e as comadres começam umas semanas antes para quando chegar o dia estar tudo pronto e bonito. Este rapaz é o ...
Pois é claro que vocês gostariam de saber mas eu não vos posso contar, só vos posso dizer que é um rapaz. Esta farda leva duas coisas, leva folhelho e usa sacas.
No Carnaval de Lazarim é isto que se faz. Espero que gostem do resto. Eu não sei mais sobre o Carnaval. Esta imagem é da Terça – feira

Que semelhanças e diferenças encontras entre a imagem 1 e 2?

Eu gosto mais da imagem 1 do que da imagem 2.

Para mim a imagem 2 é muito, muito, mas mesmo muito mais feia que a 1.

A 1 é a de Lazarim e eu estou mais habituada a ela, este boneco da 2 para mim é horrível. A verdade é que para mim a imagem 1 é a melhor.

A **Daniela** (4º Ano), respondendo à 1ª pergunta “Elabora uma redacção a partir do que a imagem te sugere”, contextualiza a imagem no tempo, ela informa exactamente a que dia se refere a imagem. Neste caso a Daniela quebra as regras e divulga a identidade do rapaz que se encontra na fotografia, escondido pela máscara que usa. Esta criança descreve a forma como o careto está vestido e mostra-se conhecedora do percurso que leva a elaborar um traje desta envergadura. Mostra-se orgulhosa quando fala da máscara e refere-se a ela como sendo especial e bonita. Na opinião desta menina aquela máscara até deveria ganhar o concurso. Ela cria um juízo de valor em relação à estética da máscara. A Daniela referencia o Carnaval antigo como sendo violento. Ao falar no Carnaval antigo a Daniela sente-se útil como se estivesse a dar uma informação importante que possivelmente lhe foi transmitida por familiares mais velhos. Ela fala no Carnaval de hoje como sendo alegre e pacífico. Para esta menina existe um Carnaval antigo que no seu entender era mau e um moderno, com alegria e paz, de que ela se sente muito feliz por poder participar nele.

A redacção é confusa a partir do 3º parágrafo. Não se entende o «antigo», se é o tempo «antigo», da região vivido por pessoas mais velhas. Esta redacção parece revelar que a Daniela gosta de harmonia, evitando conflitos físicos.

Perante a 2ª pergunta “Que semelhanças e diferenças encontras entre a imagem 1 e 2?”, a Daniela recusa-se a falar sobre a imagem 1, explica que já falou tudo na 1ª questão.

Em relação à imagem 2, a Daniela relaciona esta personagem como sendo um compadre, ela não estabelece nenhum tipo de relação com os super heróis da televisão que é de facto o que a imagem representa (existia uma forte possibilidade dos alunos reconhecerem este super herói e demonstrarem afectividade por ele, o que não se confirmou).

A Daniela atribui a esta imagem um novo código, com um contexto familiar para ela, criando na personagem do super herói, um novo ser, o compadre que é a personagem que desdenha do género feminino da vila e por isso acarreta um fardo negativo ao olhar feminino. Parece que a Daniela, não se concentra muito nas

regras. Em cima revela a identidade do mascarado; na fig. 2 não responde à pergunta formulada.

Daniela, 10 Anos, 4ºAno

Elabora uma redacção a partir do que a imagem te sugere.

Este Careto é meu amigo e chama-se Fábio.

O Carnaval realizou-se no dia 24 de Fevereiro. Ele está vestido de palha entrançada. O fato demora a fazer um mês. A máscara é feita de madeira e é uma máscara especial porque é de madeira. Eu gosto da máscara eu acho que ela devia ganhar o concurso porque a máscara é bonita. Eu vou dizer que era um rapaz divertido e pobre. Vivia de esmolas, no entanto quando se encontrava com a máscara de madeira na cara parecia o diabo pintado.

Batia em todos sem respeito por ninguém, a ponto que às vezes acabava o Carnaval meses depois na polícia em Lamego. É isto que eu posso informar do Carnaval antigo. Hoje o Carnaval é só alegria e paz, por isso mesmo é que na distribuição do burro ninguém leva a mal. Parabéns aos tempos novos.

Que semelhanças e diferenças encontras entre a imagem 1 e 2?

Eu escolho a imagem 2 porque já falei da imagem 1.

A imagem 2 é um compadre.

O compadre é o das raparigas.

Já não sei mais.

A Susana (4º ano) inicia a sua redacção por quebrar regras, identificando o Careto (1ª pergunta). Ela critica o traje do seu amigo quando diz que ele parece estar num palheiro. Penso que nesta frase e quando esta rapariga faz uma comparação com outras fantasias bonitas mencionando a que já usou (eu já fui de bebé), demonstra que se identifica mais com disfarces mais contemporâneos e não tão tradicionais. A Susana refere no seu texto a mudança de sexos que os fantasiados fazem através das fantasias que vestem e mostra o seu agrado por esta tradição.

Mostra-se também familiarizada com toda a tradição da festa quando fala nas deixadas, os testamentos e o caldo de farinha, que é um momento alto da festa o primeiro quando todo o povo fica a saber dos pecados alheios e o segundo da partilha dos petiscos.

Quanto à 2ª pergunta, a Susana desde o início do seu contributo por escrito, faz um juízo de valor ao comparar as duas imagens e ao manifestar preferência pela imagem número 1. Ela mostra uma certa antipatia em relação à imagem numero 2 dizendo mesmo que “aquela imagem não tem nada a ver com o Carnaval e que acaba o texto por aqui”.

Ela revela gostar de fantasias mais contemporâneas quando aborda a fig. 1, mas penso que com temas clássicos como sendo a fantasia de princesa, de bebé,

etc. A imagem 2, da fig. 2 muito embora seja contemporânea e muito querida pelos miúdos das cidades, por se tratar de um super herói com a mesma importância do homem aranha, a sua popularidade ainda não chegou àquela vila. A figura da imagem repugna-a, ela chega a dizer que é uma imagem horrível, preferindo os Caretos tradicionais da terra.

Susana, 10 Anos, 4º Ano

Elabora uma redacção a partir do que a imagem te sugere.

Este Careto chama-se Fábio e é meu amigo.

E eu gostei da farda do Fábio mas parece que está no palheiro. Há vários Caretos que têm máscaras bonitas eu já fui de bebé e gostei de ir. Foi a última vez, os rapazes vestem-se de raparigas e as raparigas vestem-se de rapazes. Eu gosto desta tradição. Depois há o desfile, quando acaba o desfile, há as deixadas. Os rapazes fazem as deixadas das raparigas e as raparigas fazem as deixadas dos rapazes. Depois é o caldo da farinha e as taças. E acaba assim o Carnaval daqui.

Que semelhanças e diferenças encontras entre a imagem 1 e 2?

A fotografia 1 é a mais bonita e a 2 é a mais feia porque não tem nada a ver com o Carnaval e acaba por aqui.

Jéssica (4º ano) (1º pergunta) começa logo por identificar o Careto dizendo de quem se trata e mostrando bem que o conhece caracterizando e traçando a sua personalidade. Contextualiza a festa no tempo, e no espaço.

Tal como a Susana, a Jéssica exprime um certo desconforto em relação ao fato de palha quando diz que o Careto parece estar num palheiro. Também é da opinião que a troca de sexos neste dia lhe agrada, ao relatar que as raparigas se vestem de rapaz e vice-versa. Explica com vaidade que também já se mascarou de princesa, penso tratar-se de uma prática mais moderna e que a atrai mais, do que vestir-se com materiais pobres e naturais por exemplo a palha. Mostra-se familiar com todo o ritual da festa, informa sobre o percurso que a festa toma ao longo do dia destacando os pontos mais importantes.

A Jéssica dá um ênfase especial as máscaras e cria um valor estético sobre elas quando nos informa que existem máscaras bonitas. Percebemos que a Jéssica se relaciona muito bem com a sua comunidade, as pessoas que a constituem e os seus costumes.

A Jéssica automaticamente faz uma comparação entre a figura 1 e a 2 manifestando carinho pela personagem do Fábio seu amigo e não por um Careto qualquer. Sente-se afinidades e sentimento de posse nesta atitude. Em relação há figura 2 ela é peremptória ao dizer que é mais nojenta.

Ainda sobre a figura 2 ela atribui-lhe o significado de compadre, personagem como já foi explicado que não é querida no núcleo feminino. As coisas não lhe são indiferentes: ela toma partido e publicita o que escolhe e do que gosta.

Jéssica, 10 anos, 4º Ano

Elabora uma redacção a partir do que a imagem te sugere.

Este Careto chama-se Fábio, e é meu amigo. É muito terrorista e está cheio de namoradas. Eu gosto do fato dele mas, parece que está no palheiro. Este dia concretiza-se a 29 de Fevereiro que calha numa Terça – feira. Há vários Caretos que tem máscaras bonitas, e eu já me mascarei à princesa e gostei. Os rapazes vestem-se de raparigas e as raparigas de rapazes. Eu gosto desta tradição.

Depois há o desfile, e quando acaba o desfile, à as deixas. Os rapazes fazem as deixas para as raparigas e as raparigas fazem as deixadas para os rapazes. Depois há o caldo da farinha e as taças e a história acaba aqui.

Que semelhanças e diferenças encontras entre a imagem 1 e 2?

A fotografia 2 é mais nojenta.

E a do Fábio é melhor.

A fotografia 2 é o compadre.

Joana (5º ano) (1ª pergunta) refere o Careto como pertencente à sua terra. Localiza o Careto no espaço e tem um sentimento de posse sobre esta figura. Ela contextualiza o Careto situando-o nas festas de Carnaval de Lazarim.

A Joana faz a descrição da forma como foi concebida a máscara e o fato. Refere mais uma vez que máscara e fato são típicos do Carnaval de Lazarim. Quanto a mim esta criança demonstra um enorme orgulho na sua terra, e um conhecimento profundo sobre toda a festa e os envolvidos na mesma, em cada frase que escreve menciona o nome da sua vila como tendo poder absoluto sobre toda a envolvente festiva e dos próprios participantes activos, como é exemplo o artesão Costinha a que ela se refere como sendo o autor da máscara da imagem.

A Joana em relação à segunda questão diz que se trata nas duas imagens de personagens mascaradas. Não faz nenhum tipo de discriminação nem juízo de valores em relação a nenhuma das duas imagens, apenas se refere aos materiais como sendo diferentes a imagem 1 de materiais naturais, a palha e a madeira; e a imagem 2 o fato é construído a partir do plástico. Para a Joana a grande diferença é que a imagem 1 é típica de Lazarim e é antiga, a imagem 2 é moderna e não é típica de Lazarim.

Joana, 10 Anos, Turma: A nº6, 5º Ano

Elabora uma redacção a partir do que a imagem te sugere.

Este Careto é típico da minha terra (Lazarim).

O Careto traz uma máscara feita em madeira (amieiro), que é típica do Carnaval de Lazarim e que foi feita pelo senhor Costinha (que é um dos artesãos de Lazarim), o Careto também veste um fato feito com palhas, é típico de Lazarim. Também leva uma bengala.

Que semelhanças e diferenças encontras entre a imagem 1 e 2?

As semelhanças que eu acho são: é que estão os dois mascarados.

E as diferenças são: a figura 1 a máscara é de madeira, enverga um fato de palha e uma bengala é mais antiga e é típica de Lazarim, e a figura 2 traz uma máscara e um fato de plástico, é moderna e não é típica de Lazarim.

O **Fábio** (5º ano) (1ª pergunta) localiza a imagem no espaço e faz a sua contextualização. Descreve com rigor os materiais utilizados tanto no traje como na máscara mostrando conhecimento. O Fábio não faz uma “redacção” sobre a imagem. Apenas a descreve, com conhecimento objectivo. Não explicita afectos relativamente às duas imagens.

O Fábio não faz nenhum tipo de juízo de valor em relação às imagens (2ª pergunta), apenas as descreve e distingue uma da outra pelos materiais utilizados.

Ele explica que a imagem 1 é de materiais naturais, a palha e a madeira e a imagem 2 utiliza materiais artificiais, o plástico. É muito interessante esta diferença entre materiais artificiais e naturais que este aluno faz, existe no discurso um conhecimento mais técnico.

Fábio, 10 Anos, Turma A nº5, 5º Ano

Elabora uma redacção a partir do que a imagem te sugere.

Esta imagem é tradicional do Carnaval de Lazarim.

Este Careto tem um traje tradicional que é feito da palha às trancinhas.

As máscaras são feitas de amieiro e é típica do Carnaval Lazarim.

Que semelhanças e diferenças encontras entre a imagem 1 e 2?

As semelhanças entre a 1ª imagem e a 2ª imagem são que a 1ª imagem tem uma máscara de madeira, tem um fato de palha às trancinhas e uma bengala e a 2ª imagem tem um fato de plástico tem uma espada e uma corrente.

O **Joel** (5º ano) começa por contextualizar a imagem e localiza-la no espaço. No primeiro parágrafo, sente-se na forma como escreve um certo sentimento de posse em relação à imagem. Este aluno refere-se à imagem como “propriedade” da sua terra, um tesouro de património cultural daquele lugar. É claro neste parágrafo que o Joel tem um grande orgulho na sua vila.

O Joel faz questão de enumerar todos os artesãos pertencentes à vila de Lazarim, e informa quem foi o criador/autor da máscara que o Careto usa na imagem. Ele informa de como é feita a máscara e também o traje.

O Joel dá importância ao modo de confecção dos Caretos, bem como a quem os faz.

Sente-se um grande conhecimento da estrutura da festa por parte desta criança e alguma vaidade. Por fim o Joel explica a finalidade que existe no Careto tapar a cara com a máscara, no seu entender é para assustar as crianças.

Na opinião desta criança ambas as imagens são de Carnaval. A diferença que o Joel encontra entre as duas imagens, está na qualidade dos materiais, ele explica que a imagem 1 o fato é de palha e a máscara de madeira na imagem 2 é de borracha.

O Joel refere-se também à exclusividade dos modelos, ele explica que existem muitos mais fatos de borracha do que os de palha.

Descreve as diferenças dos materiais mas não demonstra afecto por uma ou por outra.

Joel, 10 Anos, Turma: A, 5º Ano
--

Elabora uma redacção a partir do que a imagem te sugere.

Esta imagem mostra um Careto típico da nossa terra que é Lazarim.

Em Lazarim os artesãos são: o Sr. Afonso, o Sr. Adão e o Sr. Costinha.

Esta máscara foi feita pelo Sr. Costinha e os materiais que ele utilizou foram madeira, lixa etc.

Este traje é feito de palha. A tradição é as máscaras de madeira.

Este Careto como todos os outros tinha como finalidade assustar principalmente as crianças.

Que semelhanças e diferenças encontras entre a imagem 1 e 2?

Tanto a figura 1 como a 2 estão relacionadas com o Carnaval.

As diferenças entre as figuras 1 e 2 é que a máscara da figura 1 é de madeira e na figura 2 a máscara é de borracha. O fato da figura 1 é de palha e o da figura 2 é de borracha e há muitos mais.

O **Pedro** (6º ano) tal como os seus colegas faz a contextualização da imagem, localiza-a no espaço e no tempo (festa de Carnaval). Descreve os materiais em que a máscara e o fato foram executados.

O Pedro parece ter algum sentido crítico e/ou é atento aos detalhes pois descreve as botas como sendo dissonantes com o resto do careto.

O Pedro refere-se à imagem 1 como sendo uma fantasia mais antiga e tradicional do que a imagem 2 que ele considera uma imagem moderna e que nada tem a ver com o Carnaval de antigamente, mas relaciona as duas imagens entre si

como sendo as duas fantasias de Carnaval. É interessante perceber que nas crianças deste grupo está tão bem presente o conceito de tradicional.

O Pedro aqui confirma, novamente, perspicácia relativamente a detalhes, pois entende que as duas figuras não podem pertencer ao mesmo tempo (antigo e moderno) embora pense pertencerem à mesma festa.

Pedro, 12 Anos, Turma A nº 12, 6º Ano

Elabora uma redacção a partir do que a imagem te sugere.

Este Careto está disfarçado com roupas típicas de Lazarim.

A máscara foi feita de pau de amieiro, o fato é feito de palha.

Este Careto leva uma bengala na mão. É mais um fato típico do Carnaval de Lazarim, excepto as botas que não tem nada a ver com o Carnaval.

Que semelhanças e diferenças encontras entre a imagem 1 e 2?

As diferenças que eu encontro são: o fato da figura 1 é mais antigo e mais tradicional que o da figura 2.

Na figura 2 a máscara é moderna quase nada tem a ver com o Carnaval de antigamente.

Há contudo uma semelhança entre estas duas imagens.

Estão as duas imagens relacionadas com o Carnaval.

A **Marisa (6º ano)** contextualiza a imagem (1ª pergunta) explicando que se trata de um Careto típico de Carnaval e localiza-a no espaço afirmando que pertence à sua vila.

Faz o relato detalhado de como e quais os materiais utilizados na concepção tanto da máscara como do figurino.

Menciona o facto de serem as pessoas mais idosas a elaborar os fatos.

A Marisa identifica essas pessoas como sendo as mais antigas da vila e informa que as máscaras são construídas pelos artesãos da sua terra. Penso que com esta afirmação a Marisa demonstra orgulho nas gentes da vila e na sua vila.

Ela ainda explica que todo o trabalho é executado à mão.

Procura informar o/a leitor/a da importância da participação da comunidade na construção da sua festa de Carnaval.

A Marisa sobre esta 2ª questão é peremptória ao afirmar que as duas imagens são completamente diferentes. Ela refere-se à imagem 1 como sendo tradicional e à 2 uma imagem mais moderna. A Marisa faz um juízo de valores ao manifestar a sua preferência pela imagem tradicional quando diz que é mais valiosa e bonita do que a mais moderna. Explica de que materiais as fantasias são confeccionadas para a imagem 1 ela diz que a máscara é feita em madeira e o traje

em palha, materiais naturais, para a imagem 2 a Marisa explica que o figurino é feito em plástico, e exprime um sentimento de medo e alguma repulsa.

A única semelhança que a Marisa diz existir entre as imagens é serem ambas fantasias de Carnaval.

Marisa, 11Anos, Turma: A nº 9, 6º Ano

Elabora uma redacção a partir do que a imagem te sugere.

Esta imagem é um Careto típico do Carnaval de Lazarim.

Este tem um traje tradicional, que foi realizado com palha às trancinhas, unidas umas às outras.

A máscara também é tradicional, esta é feita com amieiro que depois da madeira seca já não pode ser trabalhada.

Quase todas são feitas pelos artesãos da nossa terra e os trajes são feitos pelas pessoas mais antigas, tudo isto é feito à mão.

É desta maneira que são realizados as máscaras e os trajes que eu observei nesta imagem.

Que semelhanças e diferenças encontras entre a imagem 1 e 2?

Estas duas imagens são completamente diferentes pois uma é tradicional e a outra é moderna, mas para mim a mais valiosa é a 1 pois é mais bonita e consiste na máscara em madeira e no traje em palha.

A imagem 2 é feita de plástico, esta é muito feia e mete medo.

A única semelhança que encontrei foi de estarem ambas relacionadas com o Carnaval.

2. Algumas conclusões

O trabalho que fiz na escola de Lazarim com crianças de idades compreendidas entre os nove e os doze anos teve como objectivo principal o de desenvolver um estudo empírico que detectasse possíveis alterações no imaginário das crianças, a partir de sistemas sociais, sobre a actividade do Carnaval de Lazarim.

Numa perspectiva histórica sobre a infância (Philippe Ariés 1981, 156), este historiador refere que nas classes populares os antigos géneros de vida e as antigas concepções de infância se mantiveram quase até aos nossos dias, havendo mesmo razões para pensar numa regressão verificada com o advento da industrialização e a procura de mão-de-obra infantil.

O resultado da análise feita das respostas das crianças ao questionário, leva-me a perceber:

Primeiro, as crianças pelas respostas que formulam parecem não entender o que lhes é pedido; elas não escrevem sobre o que a imagem lhes sugere, elas remetem para o que a imagem é na realidade e descrevem o que vêem; não

elaboram a redacção que lhes é pedida, fazem juízos de valor sobre o que a imagem sugere.

Segundo, as crianças têm a percepção da modernidade, mas revêem-se num Carnaval tradicional ligado às suas raízes e vivência como referência. Nota-se que as crianças estão familiarizadas com a primeira imagem e descrevem tudo o que se relaciona com ela: época, tradições, matérias, artesãos, etc.

Nem todas as crianças conseguem responder à segunda questão, “Que semelhanças e diferenças encontras entre a imagem 1 e 2?” sobretudo as mais novas; ao invés de enumerarem diferenças e semelhanças, exprimem preferências e juízos de valor.

Estas preferências denotam um profundo apego ao que é familiar e tradicional; por outro lado, verifica-se um desconhecimento da figura 2, “Imagem do super-herói Spawn” sendo que o desconhecido gera diferentes reacções: aversão, repulsa, medo...

Nos mais velhos, a figura 2, “Spawn” embora desconhecida, é relacionada com o moderno, e, por isso, preterida em relação à figura 1, “Careto popular” sendo mais valorizado o tradicional. Todos identificam a figura dois que é desconhecida com a época carnavalesca.

Pode-se concluir que estas crianças conhecem muito bem a realidade envolvente e pouco ou nada a realidade exterior à vila, sendo esta realidade motivo de orgulho e de plena satisfação.

De facto, a experiência televisiva é, como notaram Hodge e Tripp (1986: 142), inseparável do contexto social do telespectador. «Muitos investigadores fazem notar estes autores australianos – revelam estar conscientes desta inseparabilidade dos factores sociais e individuais, mas consideram a dimensão social como “contaminação do significado real” que a televisão tem para as crianças.

Pela observação feita percebi que as crianças da vila preenchem a maior parte dos seus tempos livres brincando ao ar livre, nas sucatas, no campo, entrando e saindo dos cafés, as meninas vão para casa das suas colegas por curtos espaços de tempo, etc. Pude observar a entrada e saída das crianças das suas casas. As crianças andam em grupos, nota-se uma separação entre o grupo das meninas e o grupo dos rapazes. Estes miúdos vivem à vontade ao ar livre, mesmo com

baixas temperaturas. As suas brincadeiras são feitas mais tempo na rua do que nas suas casas.

Mas posso afirmar que no seu porte, modo de vestir e de falar estas crianças têm muitas semelhanças com as crianças das grandes cidades, usam roupas à moda, a combinar com sapatos ou sapatilhas de marca e principalmente as meninas usam penteados sofisticados. As crianças da vila em geral frequentam a escola, não têm tarefas agrícolas, a não ser para seu belo prazer.

Capítulo 6. A Festa vista pelos agentes sociais da vila de Lazarim

A entrevista feita ao Sr. Adão e a todas as pessoas que gentilmente aceitaram responder a algumas questões foi um ponto de partida para o meu trabalho, ajudou a uma melhor compreensão sobre a festa propriamente dita do Carnaval na vila de Lazarim assim como me levou a conhecer os “habittus”- *“por habittus entende-se «sistema de disposições duradouras e transponíveis que, integrando todas as experiências passadas, funciona em cada momento como uma matriz de percepções, de apreciações e de acções, tornando possível uma infinidade de tarefas diversificadas”* (Pinto,2000: 42) e os costumes de um grupo de agentes sociais pertencentes à vila e a forma como interpretam e vivenciam a realidade da festa de Carnaval no seu quotidiano.

“ Em investigação qualitativa, as entrevistas podem ser utilizadas de duas formas. Podem constituir a estratégia dominante para a recolha de dados ou podem ser utilizadas em conjunto com a observação participante, análise de documentos e outras técnicas. Em todas estas situações, a entrevista é utilizada para recolher dados descritivos na linguagem do próprio sujeito, permitindo ao investigador desenvolver intuitivamente uma ideia sobre a maneira como os sujeitos interpretam aspectos do mundo.” (Bogdan & Biklen, 1994: 134)

A partir desta entrevista pude mais facilmente entender as alterações significativas que tem vindo a acontecer de geração em geração.

Pude também sentir a emoção com que esta gente vive o Carnaval.

Então pode-se dizer que o povo de Lazarim tem um enorme orgulho na sua festa do Entrudo, existe entre este povo uma grande afectividade ligada a esta tradição.

Nota-se em geral que todos partilham da mesma opinião quando abordam e analisam a festa de Carnaval dos tempos antigos com a festa do tempo actual, todos preferem o Carnaval actual por ser tranquilo e pacífico onde reina a alegria ao contrário do “velho” Carnaval, em que todos saíam à rua com o único

objectivo de maltratar, violentar, exteriorizar toda uma agressividade que acumularam ao longo do ano.

O povo de Lazarim é um povo extremamente criativo, todos os foliões são responsáveis pelas suas indumentárias Carnavalescas, eles preparam-nas e constroem-nas a partir de matérias “pobres” como sendo sacos de plástico, retalhos de pano ou com materiais retirados da natureza como a palha e folhas entre outros. Pude ainda constatar que é um povo muito afável e afectuoso, com muita vontade em partilhar trocas de experiências culturais, sobretudo os sujeitos mais velhos da vila.

Sobre a festa do Entrudo pode-se considerar uma festa organizada por toda uma comunidade, todos se dedicam com semanas de antecedência à sua organização. Preparam-se os trajes, os artesãos trabalham arduamente nas suas obras artísticas, as máscaras, prepara-se o palco para a festa, faz-se a matança do porco para os petiscos, trata-se de elaborar os bonecos para a queimada, fazem-se os testamentos. Tudo isto é feito com boa disposição e alegria. Cabe ao presidente da vila, ao Sr. Norberto, a parte orgânica da festa. É ele que faz os convites aos músicos aos ranchos e fanfarras para participarem na festa. O Carnaval de Lazarim tem um enorme impacto para todos os Lazarinenses, esta festa é motivo para que todos se sintam activos e necessários num colectivo.

Das entrevistas feitas ao povo de Lazarim concluí que cada sujeito se pronuncia sobre o que, de alguma forma, mais o marcou e percepcionam-se as diferentes motivações de acordo com as idades.

O **Manuel Castro de 48 anos** valoriza mais a festa dos tempos de hoje porque nas palavras dele: - Agora é que é bom porque tem o rancho, é mais festa. Para o **Joaquim Meijinhos de 47 anos**, o Carnaval de antigamente era mais malandro, hoje as pessoas preocupam-se sobretudo com os figurinos por causa do concurso, este homem diz que todos querem ganhar, nota-se nesta frase a perda de alguma tradição pelo compromisso do concurso. O **Joaquim Fernandes de 57 anos** conta uma passagem da vida dele enquanto jovem descrevendo que num dos Carnavais apontaram-lhe uma metralhadora à cabeça, entretanto o Carnaval foi proibido pelo presidente da câmara daquele tempo, o Sr. Afonso Paiva.

A **Ana Bela de 31 anos** fala da grande mudança que sentiu desde a sua mocidade até agora, os figurinos eram construídos em papel hoje, já não se usa, “usava roupa de papel, quando chovia os vestidos ficavam desbotados”.

Já para sua filha Mariana, de **8 anos**, nada referiu a não ser que nunca tinha feito qualquer trabalho alusivo ao Carnaval na escola que frequenta em Lisboa. A sua mãe informou que o figurino que a Mariana iria usar na procissão de Lazarim tinha vindo do Brasil.

O **António Pardal de 46 anos**, artesão, já se refere às máscaras e confessa que quando vê alguém de estranhas feições esculpe uma máscara caricaturando a pessoa escolhida. O **padre Agostinho** mostra-se de acordo com as celebrações carnavalescas, ele oferece a sua casa para o beberete desde que não existam excessos. É um homem atento aos problemas actuais que diz: “As pessoas estão a cair no erro de em vez de se cultivarem aculturam-se, actualmente não há os princípios sociais de há vinte anos, a televisão e o computador vieram invadir a sociedade, a máquina tomou conta de nós”.

Marco Loureiro de 20 anos confessa sentir que cada vez mais os trajes se aproximam dos figurinos brasileiros. O **Paulo Loureiro de 26 anos** não gosta de se fantasiar. Para ele o mais importante é a elaboração dos testamentos e todo o secretismo envolvido. Para finalizar, o **Sr. Lopes da Silva, de 40 anos**, emigrante na Suíça, diz que as únicas saudades que sente são da festa do Carnaval de Lazarim. (V. AnexoIV: Entrevistas).

Considerações Finais

Do estudo realizado tudo sugere que se trata de um povo na sua maioria já envelhecido, dócil muito hospitaleiro com fortes raízes e apego afectivo à terra, e às tradições.

Houve gente que emigrou para o Brasil, para França e outros locais da Europa com a esperança de uma vida melhor, alguns regressaram com dinheiro e abriram pequenos negócios, houve outros que não tiveram a mesma sorte, tendo que encontrar soluções rudimentares para ganharem um ordenado que permita viver com dignidade.

Os emigrantes quando regressaram abriram pequenas lojas de comércio, tendo o cuidado de não alterar a estética da vila, tudo se manteve num estado original de uma beleza rara e perene.

Na vila de Lazarim observa-se que existe uma enorme carência ao nível de instituições públicas/sociais. É uma terra de poucos recursos socio-económicos e quanto a este problema, podemos afirmar que a vila se encontra obsoleta, a não ser nos seus recursos naturais de grande riqueza que ainda por lá se podem encontrar.

Os mais jovens saem para estudar nas “vizinhanças”, cidades mais próximas, Lamego, Régua; os mais velhos são quase todos “iletrados”. Alguns estudaram até à terceira classe mas a esmagadora maioria não teve qualquer formação escolar tendo-se dedicado de uma forma geral à agricultura.

Pelo resultado dos testemunhos feitos pelos actores sociais da vila a Festa de Carnaval de Lazarim é considerada a época mais importante do ano.

É nesta altura do ano que há mais movimento e agitação na vila de Lazarim; este fenómeno deve-se a dois factores, o primeiro pela importância da Festa como Património Cultural desta região, motivo de orgulho para todos, tradição que perdura. O segundo factor foi analisado através de uma observação presencial. Poder-se-á argumentar que este fenómeno se fica a dever à falta de alternativas culturais, inexistentes nesta vila, e pela necessidade que os mais jovens sentem de factores de diversão.

O dia de Entrudo é uma festa tradicional popular organizada por todos os sujeitos da comunidade e da responsabilidade da Junta de Freguesia.

As máscaras tornaram-se património cultural da terra pela mão dos artesãos que levaram a sua arte “popular” a ser conhecida nacional e internacionalmente.

Vendidas em feiras e romarias a estrangeiros e pessoas de ocasião assim como clientes que vão propositadamente às casas dos artesãos para poderem obter um exemplar destas belas máscaras elas vão ficando lentamente famosas e tornaram-se um bilhete-postal daquela vila.

Hoje estas máscaras já se encontram expostas em alguns museus.

As máscaras tornaram-se famosas também pela obra de fotógrafos que expuseram o seu trabalho em espaços de relevo, nas grandes cidades, ao olhar de todos.

Estas máscaras de Lazarim também já foram objecto de inspiração de pintores de renome e mais tarde expostas em galerias e em museus, assim como também foram utilizadas por escritores para retratarem uma vila imaculada.

Fica uma pergunta no ar: será que estes objectos esculpidos por artesãos muitas vezes analfabetos e retratados por pintores, fotógrafos, escritores, gente de elite artística das grandes metrópoles, se tornarão algum dia em objectos de “Arte Pura” trabalhada por gentes do campo?

Esta é uma questão que poderá vir a ser objecto de um próximo estudo.

A maior parte da pesquisa em torno da relação criança / Carnaval constituiu uma pesquisa polarizada no impacte social e cultural. Desta pesquisa pude perceber que as crianças estão intimamente ligadas aos costumes e habitus que a vila impôs.

No livro “A televisão no quotidiano das crianças” de autoria de (Pinto, 2000: 43), Boudieu refere-se a habitus não apenas como uma «estrutura estruturante», em que organiza as práticas sociais e a percepção do mundo, mas também como «estrutura estruturada», no sentido em que constitui «um produto da incorporação da divisão de classes sociais». O lugar de classes surge, assim, como determinante decisivo no quadro de uma concepção da vida social em que facilmente se poderá resvalar da ideia de acção para a ideia de um comportamento pré-programado e determinado pelas disposições interiorizadas.

As crianças envolvidas neste estudo demonstraram estar completamente familiarizadas com a História do Carnaval de Lazarim e com todas as práticas atribuídas ao dia do Entrudo. Percepcionei, pela análise efectuada aos questionários, que as crianças demonstram orgulho por tudo o que pertence à vila e sentem uma enorme afectividade por todo o ritual Carnavalesco não o trocando por nenhum outro.

Estas crianças estão completamente envolvidas e inseridas no contexto que as rodeia.

Posso acrescentar que a escola tem um importante papel activo na transmissão do conhecimento sobre a tradição centenária do Carnaval de Lazarim: quer a nível cultural quer a nível das artes plásticas.

É interessante perceber que dentro do espaço escolar estes alunos trabalham as máscaras sob um ponto de vista tradicional, popular; elaboram redacções, constroem máscaras em papel; por vezes os professores desenvolvem questões em fichas de avaliação sobre o Carnaval de Lazarim. As perguntas das fichas de avaliação baseiam-se principalmente na questão de como é construída a máscara e o figurino assim como quais os materiais utilizados. Desta forma a escola não permite que se percam as raízes e tradições de um Carnaval do Portugal profundo.

O presente estudo resultou no sentido que me levou a entender e interpretar um grupo de actores sociais nos seus habitus, costumes, tradições e valores, mas trata-se de uma população rica em tradições populares com muito por descobrir e que por isso poderá vir a ser objecto de um próximo estudo.

BIBLIOGRAFIA

Áries, Philippe (1981), *História Social da Infância e da Família*, Rio de Janeiro, Zahar

Barreto L. L. (1995). *Aprender A Comentar Um Texto Literário. Modelos de Análise Crítica e Comentário Escrito*, Texto Editora 4ª Edição

Bell, J. (1997). *Como realizar um projecto de investigação*. Lisboa Gradiva.

Bogdan R. & Biklen S. (1994). *Investigação Qualitativa em Educação. Uma introdução à Teoria e aos Métodos*, Porto, Porto Editora

Branco J. F. & Lima P. (1997). *Artes da Fala*, Oeiras, Celta editora

Buoro A. B. (1996) *O Olhar em Construção Uma Experiência de Ensino e Aprendizagem da Arte na Escola*. São Paulo, Cortez Editora

Carvalho Guerra, I. (2002) *Fundamentos e processos de uma sociologia de acção: O planeamento em ciências sociais*. Cascais: Principia – Publicações Universitárias e Científicas

Castro, Ana Vieira de (2005), “Pensar e criar. Dimensões indispensáveis à vida” in *Revista Xis*, número 304, 16 de Abril de 2005, 14

Correia A. (1999). *Máscaras De Carnaval (Lazarim)*, 3ª Edição Pelouro da Cultura da Câmara Municipal de Lamego

Erickson, F. (1986). “Qualitative methods in research on teaching”. in M. Wittrock (Ed.) *Handbook of research on teaching*. Chicago: Macmillan

- Ferreira H. & Perdigão T. (2003). *Máscaras em Portugal*, Lisboa, Mediatexto
- Goetz J.P. M. D. (1988). *Le Compte, Etnografia Y Diseno Cualitativo en Investigación Educativa*: Madrid Ed. Morata
- Graue M. E. & Walsh D. (2003). *Investigação Etnográfica com crianças: Teorias, Metodos e Ética*. Fundação Calouste Gulbenkian. Lisboa
- Greenwood, E. (1965). “Métodos de investigação empírica em sociologia”, In *Análise social*. Lisboa: G.I.S.
- Hammersley, M Atkinson, P. (1995) *Ethnography: Principles in Practice*, London: Routledge.
- Hodge, Bob; Tripp, David (1986), *Children and television- a Semiotic Approach*, Cambridge: Polity Press
- Irrsae Piemont *Innovació* (1994) *Curricular i Escola, Educació Artística. Visual i Plàstica, Musical, Corporal, Actualizació Científica*. Eumo Editorial Barcelona
- Laguna E. (1995) *Como Desarrollar La Expresion A Traves Del Teatro*. Ediciones CEAC Barcelona
- Lequeux P. A (1977). *Criança Criadora de Espectáculos: Jogos de Sombras, jogos dramáticos Educadores e Educandos*, Porto, Ed. Família
- Lotman I. (1973). *La Structure Du Texte Artistique*, Paris, Gallimard
- Maciel S. (1998). *A Máscara de Ousilhão (Vinhais). Uma leitura antropológica e metafísica*. Câmara Municipal de Vinhais, Edição: Gabinete de Arqueologia e Património.
- Mandler, J. M. (1984). *Stories, scripts and scenes: Aspect of shema theory*. Hillsdale, N. J. Earlbaum.

Mauss, M. (1972) *Manual de Etnografia*, Lisboa: Editorial Pórtico.

Mesa M. L. M. (1985) *La Realidad de Aula Vista Por Los Futuros Profesores. Un Estudio Comprensivo En Un Paradigma De Investigación Cualitativa*. Universidad de Santiago de Compostela. Santiago de compostela Ed. Universidade de Santiago de Compostela

Mircea E. (1991). *Imagens e Simbolos*, São Paulo : Martins Fontes

Mishler, E. G. (1986). *Research interviewing*. Cambridge: Harvard University Press.

Pinto M. & Sarmento J. (1999). *Projecto De Investigação Sobre A Infância Em Portugal (PIIP) Saberes Sobre As Crianças*. Para uma bibliografia sobre a infância e as crianças em Portugal (1974-1998), Braga, Universidade Do Minho Centro de Estudos da Criança.

Pinto M. (2000). *A Televisão No Quotidiano Das Crianças*, Biblioteca da Ciências do Homem, Edições Afrontamento, Porto

Rennie, D., Phillips, J., & Quartaro, G. (1988). "Grounded theory : A promising approach to conceptualization in psychology ?" *Canadian Psychology*, 29,139-145.

Ricoeur P. (1960) *Finitude Et Culpabilité : I La Symbolique Du Mal*, Paris : Éditions Montaigne

Riessman, C. K. (1993). *Narrative analysis*. Newbury Park, CA: Sage Publications.

Ryngaert, J.P. (1981). *O Jogo Dramático No Meio Escolar*, Ed. Centelha Coimbra

Silva A. & Pinto M. (1986), *Metodologia das Ciências Sociais*, Porto, Edições Afrontamento, 7ª Edição

Strauss L. (1989). *Des Symboles et Leurs Doubles*, Paris : Plom

Strauss, A., & Corbin, J. (1990). *Basics of qualitative research*. Newbury Park, CA: Sage Publications.